**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

PRISCILLA RIBEIRO BISCOTTO

**VIVER EM SITUAÇÃO DE RUA: EXPERIÊNCIA DE MULHERES QUE
UTILIZAM O ALBERGUE PARA PERNOITAR**

**SÃO PAULO
2015**

PRISCILLA RIBEIRO BISCOTTO

**VIVER EM SITUAÇÃO DE RUA: EXPERIÊNCIA DE MULHERES QUE
UTILIZAM O ALBERGUE PARA PERNOITAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem PPGE - EEUSP da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências

Área de concentração: Cuidado em Saúde.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Pinto de Jesus.

Versão corrigida
(Original encontra-se disponível na Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”)

**SÃO PAULO
2015**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: __/__/__

Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Biscotto, Priscilla Ribeiro

Viver em situação de rua: experiência de mulheres que utilizam o albergue para pernoitar / Priscilla Ribeiro Biscotto. São Paulo, 2015.

92 p.

Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Pinto de Jesus

Área de concentração: Cuidado em Saúde

1. Morador de rua.
2. Vulnerabilidade.
3. Albergues.
4. Marginalidade social.
5. Pesquisa qualitativa.
6. Enfermagem. I. Título.

Nome: Priscilla Ribeiro Biscotto

Título: Viver em situação de rua: experiência de mulheres que utilizam o albergue para pernoitar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem EEUSP-PPGE da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em especial ao meu marido, João Márcio, que sempre me apoiou de forma inesgotável, fazendo-me crer que o impossível é possível quando se tem fé. Ao meu pequeno Estevão, minha maior fonte de amor. E a minha grande amiga, inspiradora e eterna professora, Deise, que, com todo o seu talento, dedicação e amor no que faz, despertou em mim o desejo de me debruçar no mundo da pesquisa, tornando possível vivenciar esse momento.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre estar presente em minha vida, fazendo-me a cada dia crer que a vida é um milagre e não pode ser desperdiçada!

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Cristina Pinto de Jesus, que, além de todos os predicados que ela reúne como pesquisadora, possui também qualidades que a tornam um ser humano, uma mulher ímpar. Sou grata por ter tido o privilégio de tê-la como minha orientadora, proporcionando-me não só o crescimento no âmbito científico, como também na minha esfera pessoal. Obrigada pelo carinho e dedicação!

À professora Doutora Miriam Aparecida Barbosa Merighi, não só por permitir a minha participação no Grupo de Pesquisa em Enfermagem com Abordagem Fenomenológica, mas também pelas contribuições direcionadas a esta pesquisa. Obrigada!

À professora Doutora Margareth Angelo pelas importantes contribuições dadas a este trabalho no dia do Exame de Qualificação.

Aos meus queridos e amados pais, Maria do Carmo e Haroldo, que me deram todo o alicerce para eu ser quem eu sou. Obrigada pelo amor, dedicação e educação dispensados a mim, amo vocês!

Aos meus amados irmãos, Marcelo, Aline, Allan, Livia, Haroldo e a você, Gabriel, a quem considero como tal. Obrigada pela torcida e o apoio de sempre!

À minha sogra, Maria Lúcia, pelo carinho, amizade e apoio dispensados a mim.

Ao meu sogro, Flávio Raimundo, que, mesmo não estando presente em vida, sei que, de onde estiver, está torcendo e feliz por essa minha vitória!

À minha cunhada, Yolanda, sempre disposta a ajudar a todos! Obrigada pelo zelo e pela torcida!

Aos meus cunhados Flávio, Cláudio, Antônio de Pádua e minhas concunhadas Cirlam, Cláudia e Márcia, obrigada pela amizade!

Aos meus lindos sobrinhos, Victor, Victória, Vinicius, Nayara, Bernardo, Léo, Vitor, Igor, Isabela, Mariana, Gustavo e Ana Clara.

À minha família do coração, Maria Helena, Thalyta, Thyago, Diego e ao mais novo membro, Davi, que já amo. Obrigada pela sincera amizade!

À minha querida amiga e eterna professora Deíse pela amizade, carinho, apoio, escuta e por me estimular rumo ao crescimento acadêmico. Obrigada pela grande contribuição dada a este trabalho!!!

Ao meu querido amigo Marcelo Henrique que, nos momentos de necessidade, sempre esteve prontamente disposto a me ajudar! Obrigada pela sincera amizade e por fazer parte desta minha conquista!

Ao Dany, a Paty, Samara e Estela, por deixarem minhas idas a São Paulo mais divertidas e prazerosas! Amei conhecer vocês!!!

A todas as mulheres em situação de rua que utilizam o albergue Núcleo do Cidadão de Rua Herbert de Souza da cidade de Juiz de Fora – MG e que participaram deste estudo, pois, sem elas, este trabalho não seria possível. Obrigada por compartilharem suas experiências comigo!

A todos os funcionários do albergue, que, desde o primeiro dia de convívio, receberam-me de braços abertos, facilitando e ajudando na minha aproximação com as mulheres participantes.

Ao Departamento da Proteção Especial, que autorizou a coleta de dados da pesquisa no albergue, tornando possível a construção deste trabalho.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, estiveram ao meu lado nesta caminhada!

LISTA DE SIGLAS

Sigla	Significado
EUA	Estados Unidos da América
SENAD	Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas
PNUD	Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas
PNAB	Política Nacional da Atenção Básica
CnaR	Consultório na Rua
ONGs	Organizações Não Governamentais
MNPR	Movimento Nacional da População de Rua
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
MDS	Ministério do desenvolvimento Social
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
CADUNICO	Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CRAS	Centro de Referência de Apoio Social
Centro POP	Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Biscotto PR. Viver em situação de rua: experiência de mulheres que utilizam o albergue para pernoitar [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2015.

RESUMO

Introdução: morar na rua é um problema global tanto de nações desenvolvidas como das que estão em desenvolvimento, situação esta ancorada principalmente em centros urbanos de médio e de grande porte. **Objetivo:** compreender a experiência de mulheres que vivem em situação de rua e utilizam o albergue para pernoitar. **Método:** estudo fundamentado na fenomenologia social de Alfred Schütz, realizado com dez mulheres em situação de rua que pernoitam em um albergue de um município de Minas Gerais. Para obtenção dos depoimentos, foi utilizado um roteiro de entrevista com questões abertas: como é para você viver em situação de rua? O que faz a mulher buscar o albergue para pernoitar? Além do Albergue, a quem você recorre para ajudá-la? Quais suas expectativas, considerando que você está vivendo em situação de rua? A organização e análise foram realizadas seguindo os passos preconizados por estudiosos da fenomenologia social de Alfred Schütz. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, sob o Parecer nº 952.239, de 09 de fevereiro de 2015. **Resultados:** a mulher que vive em situação de rua e utiliza o albergue para pernoitar traz em sua experiência os conflitos familiares que se mostram propulsores para a sua condição. Tem como dificuldades do dia a dia nas ruas a falta de infraestrutura para higiene e descanso, a vulnerabilidade para o uso de drogas, o convívio com situações de violência, a prostituição, o sentimento de culpa e solidão. Procura ajuda de estranhos e familiares, assim como de instituições beneficentes, equipamentos governamentais e não governamentais. Aponta o albergue como principal suporte para suprir suas necessidades básicas de alimentação, higiene e repouso. Espera sair das ruas, conseguir um emprego, se livrar das drogas, da prostituição e resgatar a família, contudo se mantém na situação de rua por falta de trabalho remunerado, facilidade de ganho financeiro no tráfico de drogas e na prostituição, além da liberdade que a vida nas ruas lhe proporciona. **Considerações Finais:** os achados deste estudo permitem refletir que, apesar do crescimento de políticas voltadas para as questões

que envolvem a população de rua, na prática, ainda se observa a necessidade de investimentos governamentais e não governamentais que possam coibir a violência urbana e melhorar as condições de vida dessa população. As vulnerabilidades identificadas a partir da experiência de viver nas ruas do grupo social estudado remetem à necessidade de a Enfermagem e demais profissionais da saúde buscarem mecanismos para prover um cuidado apoiado a estas mulheres, atuando sobre os riscos que as envolvem cotidianamente. Cabem intervenções interdisciplinares na mediação e/ou criação de estratégias que vão ao encontro das expectativas levantadas neste estudo, viabilizando perspectivas não vislumbradas no presente vivido e que sustentam a decisão das mulheres por manterem-se em situação de rua.

Descritores: Moradores de rua; Vulnerabilidade; Exclusão social; Abrigo; Pesquisa Qualitativa; Enfermagem.

Biscotto PR. Living on the streets: women's experience who use the shelter to spend the night [dissertation]. Sao Paulo: School of Nursing, University of São Paulo; 2015.

ABSTRACT

Introduction: living on the street is a global problem not only for developed nations but also for those that are under development, a situation which is anchored mainly in urban centers of medium and large size. **Objective:** To understand the women's experience living on the streets and using the shelter to spend the night. **Method:** study based on social phenomenology of Alfred Schütz, carried out with 10 women under street situation who stay in a shelter of a municipality of Minas Gerais. In order to obtain the testimonials, an interview script with open questions was used: how is it for you to live on the streets? What makes a woman look for the shelter to spend the night? In addition to the, shelter to whom do you turn to help you? What are your expectations, considering that you are living on the streets? The organization and analysis were carried out following the steps professed by scholars of social phenomenology of Alfred Schütz. The project was approved by the Ethics Committee on Research with human beings, of the School of Nursing (University of São Paulo), in the Opinion nº 952 239 of February 09th 2015. **Results:** the woman who lives on the streets and uses the shelter to spend the night brings in her experience family conflicts that show themselves as propelling to her condition. She faces difficulties of everyday life on the streets, such as lack of infrastructure for hygiene and rest, vulnerability for the usage of drugs, living with situations of violence, prostitution, guiltiness and loneliness. She seeks help from strangers and family, as well as charitable institutions, governmental and non-governmental equipment. The woman considers the shelter as the main support to supply their basic needs for food, hygiene and rest. She hopes to get off the streets, get a job, get rid of drugs and prostitution, and rescue the family, however this woman remains in the situation of street because of the lack of paid work, financial gain facility in drug trafficking and prostitution, as well as the freedom which street life gives her. **Final Thoughts:** The findings of this study allow us to reflect that, despite the growth of policies aimed at the issues surrounding the homeless population of the streets, in practice it is still observed the need of governmental and non-governmental organizations which can restrain urban violence and improve the conditions of life of this population. The

vulnerabilities identified from the experience of living on the streets of the studied social group refer to the need of the Nursing and other health professionals seek mechanisms to provide a care based upon these women, acting on the risks that involve them on the everyday life. Interdisciplinary interventions are necessary on the mediation and / or creation of strategies that will meet the expectations raised in this study, offering glimpsed perspectives that were not reached up to the present moment and which support the decision of women to remain on the streets.

Keywords: Homeless people; Vulnerability; Social exclusion; Shelter; Qualitative Research; Nursing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 OBJETIVO	21
1.2 JUSTIFICATIVA.....	21
2 REVISANDO A LITERATURA.....	25
2.1 POPULAÇÃO DE RUA NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS	25
2.2 DESDOBRAMENTOS POLÍTICOS VOLTADOS PARA A POPULAÇÃO DE RUA	28
2.3 VULNERABILIDADE: ENFOQUE PARA A MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA	31
3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	35
3.1 OPÇÃO PELA PESQUISA FENOMENOLÓGICA	35
3.2 PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS DA FENOMENOLOGIA SOCIAL DE ALFRED SCHÜTZ EM INTERFACE COM A TEMÁTICA.....	36
3.3 CENÁRIOS E PARTICIPANTES	39
3.4 OBTENÇÃO DOS DEPOIMENTOS.....	41
3.5 SITUAÇÃO BIOGRÁFICA DAS PARTICIPANTES.....	42
3.6 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	44
3.7 ASPECTOS ÉTICOS	45
4 RESULTADOS	47
4.1 CATEGORIAS CONCRETAS DA EXPERIÊNCIA VIVIDA	47
5 TIPOLOGIA VIVIDA	58
6 DISCUSSÃO	61
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICES.....	87
ANEXOS	90

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Em minha trajetória de vida e acadêmica, sempre me inquietou viver em uma sociedade em que coabitam uma minoria da população privilegiada financeiramente e um quantitativo expressivo de pessoas que sofrem o impacto das mazelas sociais, fruto da desigualdade e da má distribuição de renda no Brasil. Parte desta população sobrevive à margem da sociedade, sendo representada por pessoas que vivem em situação de rua.

Como graduanda do Curso de Enfermagem, busquei espaços para discutir tal situação junto aos mestres e colegas, o que me fez aprofundar no conhecimento sobre questões envolvidas nessa realidade social. Ao término da graduação, aproximei-me do Grupo de Pesquisa em Enfermagem com Abordagem Fenomenológica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Neste grupo, uma das pesquisadoras compartilhou a experiência de pesquisa com pessoas em situação de rua, o que despertou em mim o desejo de me aprofundar em estudos que se debruçassem sobre esta temática.

Com o intuito de conhecer um pouco da experiência das pessoas que se encontram em situação de rua, e para ajudar na construção do meu pré-projeto, requisito para ingressar no mestrado, o meu primeiro passo foi entrar em contato com o albergue da minha cidade, cujo equipamento abriga pessoas nesta condição.

Assim aconteceu minha primeira aproximação com o albergue, no qual fui bem recepcionada tanto pelos trabalhadores da instituição quanto pelos usuários, em especial as mulheres, que, mais tarde, tornar-se-iam participantes do meu estudo. Desde então, as visitas ao albergue, que, de início, visavam conversas informais, possibilitaram-me apropriar de um conhecimento empírico que norteou a construção deste trabalho.

Sabe-se que morar na rua é um problema global tanto de nações desenvolvidas como das que estão em desenvolvimento, situação ancorada principalmente em centros urbanos de médio e de grande porte. Tais centros atraem tanto as pessoas que já se encontram na condição de moradores de rua, advindas de outras localidades, como aquelas que deixam suas cidades em busca de melhores condições de vida. Não obtendo êxito nesta tentativa, muitas pessoas passam a habitar nas ruas, seja por falta de opção ou de políticas estatais que as

amparem (Donoso et al., 2013).

Este grupo populacional tende a se caracterizar por pessoas com baixa renda, que, por circunstância temporária ou permanente, alojam-se em ruas, espaços públicos das cidades e/ou albergues. Especialmente os abrigados, ainda que com muitas limitações, dispõem de um mínimo de estrutura que propicia melhor aporte de higiene, segurança e conforto, enquanto os não abrigados têm que invariavelmente encontrar estratégias não convencionais para a sobrevivência (Aguilar, 2012).

Nos Estados Unidos da América (EUA), o relatório do Departamento de Habitação e Desenvolvimento Urbano constatou que, em uma única noite, em janeiro de 2013, havia 610.042 pessoas experienciando a falta de moradia. Dessas, 394.698 estavam desabrigadas, utilizando programas de abrigos de emergência ou alojamentos provisórios e 215.344 pessoas viviam em locais degradados como embaixo de pontes e marquises, prédios abandonados, carcaças de automóveis, dentre outros. O relatório ainda revelou que estados populosos como Califórnia, Nova York e Flórida tiveram uma representação de 43% de toda a população em situação de rua de todo o país (*United States Department of Housing and Urban Development*, 2013).

Na Europa, países como a França vêm enfrentando um crescimento significativo da população em situação de rua. O Instituto Nacional Francês de Estatísticas e Estudos Econômicos constatou um aumento de 50% desse contingente populacional ao longo da última década e estimou que havia 141.500 pessoas desabrigadas em 2012 (Yaouancq et al., 2013).

No Brasil, uma pesquisa nacional de caráter censitário, pautada na contagem e caracterização da população adulta em situação de rua de 71 cidades brasileiras, sendo 48 municípios com mais de 300 mil habitantes, apontou um contingente de 31.922 adultos em situação de rua. Somado este valor com os números de estudos realizados nos estados que conduziram sua investigação de modo independente (São Paulo, Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte), estimou-se, entre 2007 e 2008, um total de aproximadamente 50 mil pessoas adultas vivendo em situação de rua no Brasil (Brasil, 2009a).

A população que vive na rua é composta por pessoas de ambos os sexos, de diferentes idades, solteiras, casadas, que vivem sozinhas, com familiares ou com

amigos, com diversos problemas de saúde e tendo várias ocupações (Lauriks et al., 2014).

É importante salientar a questão da vulnerabilidade a que tal população está exposta. As pessoas em situação de rua vivem em condições de vida muito precárias, tendo dificuldade de acesso a direitos básicos de cidadania, como habitação, alimentação, trabalho, higiene e saúde (Aguiar, 2012). Isso prediz que a população de rua vive em permanente estado de vulnerabilidade. É vulnerável por, muitas vezes, não ter documentos e certidões indispensáveis à cidadania; por não possuir casa, dinheiro ou emprego fixo; por não ter acesso à educação e por encontrar dificuldades, até mesmo, para receber cuidados de saúde (Sotero, 2011).

De forma associada e combinada a fatores pessoais, como comportamentos de risco – prostituição, drogas –, todos esses aspectos supramencionados interferem nas condições de saúde, piorando doenças preexistentes, e/ou provocando outras doenças, pelo fato de viverem em condições insalubres e desumanas (Gaetz et al., 2013).

A vulnerabilidade à qual as pessoas em situação de rua estão expostas torna-se ainda maior se atrelada ao uso abusivo de álcool, crack e outras drogas (Rhoades et al., 2011). Desse modo, a saúde das pessoas em situação de rua pode revelar tanto as causas quanto as consequências do cotidiano nas ruas. O alcoolismo e o consumo de drogas, por exemplo, podem traduzir os processos de fragilização e ruptura dos vínculos familiares e ocupacionais que precedem a ida para as ruas (Aguiar, 2012), favorecendo o desenvolvimento de doenças de ordem psiquiátrica e a piora dos agravos à saúde instalados nessas pessoas (Aguiar, 2012, Rhoades et al., 2011).

Estudo dinamarquês corroborou com estes achados, ao afirmar que a população de rua apresenta complexos problemas psiquiátricos, e o uso abusivo de substâncias psicoativas aumenta o risco de mortalidade nesse público (Nielsen et al., 2011).

No Brasil, foi idealizado pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz, um estudo objetivando o delineamento do perfil da população usuária de crack e outras formas similares de cocaína fumada (pasta base, merla e “oxi”). Evidenciou-se que 40% da população brasileira que utiliza a droga se encontra em situação de rua, denotando assim um grave problema social (Fiocruz, 2015).

Além do emaranhado de problemas pessoais e estruturais experienciados pela população que tem na rua o seu habitat, obstáculos do cotidiano como solidão, medo, intempéries, dificuldades de manutenção da higiene e falta de privacidade também são parceiros constantes dessas pessoas. Tais circunstâncias adversas se tornam ainda mais intensas quando se trata de mulheres, parcela minoritária que compõe esse grupo social (Lauriks et al., 2014; Rosa e Bretas, 2015).

Sabe-se que a população de rua é composta em grande parte por homens (Lauriks et al., 2014). Esta realidade profundamente masculinizada intensifica a relação dissimétrica de poder do homem com relação à mulher, tornando-a mais vulnerável, especialmente às situações de violência (Rosa e Bretas, 2015).

Um estudo realizado em São Francisco, EUA, com 291 adultos do sexo feminino que vivem em situação de rua, apontou a violência como um fenômeno comum vividos pelas mulheres. Dentre as participantes, 175 haviam sofrido violência emocional, 79 mulheres haviam sofrido violência física e 78 participantes haviam sido vítimas de violência sexual nos últimos seis meses que antecederam a pesquisa (Riley, 2014).

A violência parece ser tema transversal na vida de muitas moradoras em situação de rua. Quando esse ato advém do próprio companheiro que convive debaixo do mesmo teto, tais acontecimentos podem trazer grande impacto na deterioração das relações sociais, contribuindo para a perda do lar e para o ingresso na vida nas ruas. Um inquérito realizado em São Paulo, Brasil, com 22 mulheres em situação de rua revelou que, para a maioria das participantes, a violência vivenciada dentro de casa foi fator determinante para que elas deixassem suas casas, propiciando a atual condição de viver na rua (Rosa e Bretas, 2015).

Ainda no cenário brasileiro, a pesquisa nacional sobre a população de rua, que incluiu todas as cidades brasileiras, constatou que a perda de moradia, expressa por 27,56% dessa população, foi o principal motivo que levou as mulheres a viver nas ruas (Brasil, 2009a).

A perda do lar pode ser entendida como a ausência do cenário social em que a mulher imprime a sua identidade de mãe e cuidadora, deixando-a sem esse referencial umbilicado ao universo feminino. Nesse contexto, insere-se o albergue, que constitui um lugar transitório e de passagem, caracterizando-se como um refúgio seguro para dormir, além de oferecer diversos serviços assistenciais, como alimentação e formação profissional (Robison, 2012).

Este cenário, permeado pelo cuidado, permite à mulher encontrar uma referência para reconstruir sua identidade feminina, o que inscreve os albergues como um apoio para a vida nas ruas, conferindo a manutenção de vínculos e maior assistência às pessoas em situação de rua (Bonugli, Lesser, Escandon, 2013).

Por outro lado, o estudo de Bonugli, Lesser, Escandon (2013), com mulheres albergadas em situação de rua, no Texas, EUA, trouxe achados que mostraram que, embora o abrigo fosse considerado pelas usuárias como necessário, as mesmas salientaram que algumas de suas práticas as desagradavam. Acostumadas com a liberdade das ruas, elas tinham dificuldades como espera em longas filas para entrar, obrigatoriedade de sair antes do amanhecer, além da falta de privacidade considerada por elas como humilhante, gerando sentimentos de desvalorização.

O fato de esse grupo populacional contar com abrigos não o exclui de estar em situação de rua, caso dependa exclusivamente deles, uma vez que, sem eles, essas pessoas estariam nas ruas. Nesse sentido, a situação nas ruas é difícil tanto para abrigados quanto para não abrigados (Aguiar, 2012).

Portanto, investigar a população de rua constitui-se em um desafio para os profissionais envolvidos nas políticas sociais, entre elas a da saúde. Devido às proporções alarmantes que a problemática de morar na rua vem alcançando no mundo, o profissional de saúde, principalmente da rede pública, precisa desenvolver competências para o atendimento de pessoas nesta condição (Jorge e Corradi-Webster, 2012). Nesse contexto, evidencia-se o enfermeiro, que deve compreender a especificidade inscrita nesse público, para fins de atendê-lo de modo humanizado e acolhedor, compreensão esta fundamental para agenciar o cuidado a essa população.

O estado da arte aqui delineada mostrou que estudos atuais indexados em base de dados nacionais e internacionais abordam diversas variáveis que perpassam a população em situação de rua. A maior parte deles priorizou as questões de saúde (Aguiar, 2012; Aristides e Lima, 2009) e dificuldades de acesso aos serviços de saúde (Weber et al., 2013). Alguns tratam do uso de drogas por pessoas em situação de rua (Rhoades et al., 2011) e as desordens psiquiátricas (Bonugli, Lesser, Escandon, 2013) inscritas nos problemas de saúde desse público.

Sobre a experiência dessas pessoas salienta-se um estudo etnográfico que apontou o uso de drogas presente em vários domínios e taxonomias como fator que desestrutura suas vidas (Donoso et al., 2013). A investigação qualitativa conduzida

por Lewinson, Thomas, White (2014) com essa população mostrou a experiência com a violência sofrida desde a infância e salientou o abuso físico e emocional, maus tratos, exploração financeira, intimidação sexual, estresse ambiental, exposição ao crime e subjugação sistemática.

A partir do exposto e com vistas a agregar valor à temática, buscou-se no presente estudo compreender, na perspectiva da mulher albergada que vive em situação de rua, o contexto das relações intersubjetivas vivenciadas por ela no dia a dia, sob a ótica da fenomenologia social de Alfred Schütz.

Esta pesquisa foi norteada pelas seguintes questões: como é para a mulher viver em situação de rua? O que faz a mulher buscar o albergue para pernoitar? Além do Albergue, a quem a mulher recorre para ajudá-la? Quais as expectativas da mulher em situação de rua acerca da sua condição?

1.1 OBJETIVO

Compreender a experiência de mulheres que vivem em situação de rua e utilizam o albergue para pernoitar.

1.2 JUSTIFICATIVA

Segundo o relatório anual sobre o Desenvolvimento Humano, publicado pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), em 2014, mais de 2,2 milhões de pessoas, representando 15% da população mundial, vivem em condições extremas de pobreza, sem acesso aos direitos básicos – saúde, moradia, educação –, excluídas da sociedade. Dentro desse contexto, encontramos as pessoas que vivem em situação de rua (PNUD, 2014).

No Brasil, a última pesquisa, realizada em 2008 em nível nacional, constatou que aproximadamente 50.000 pessoas com mais de 18 anos de idade vivem em situação de rua. A pesquisa não considerou os adolescentes e crianças, denotando que este grave problema social possui dimensões ainda maiores (Brasil, 2009a).

Foi também evidenciado na mesma o percentual por sexo dos que vivem em

situação de rua. A população feminina se revelou extremamente inferior em relação à masculina – 18% e 82% respectivamente. No que se refere a alguns outros dados levantados, verificou-se que 21,87% das mulheres não sabem ler em contraposição a 16,18% dos homens; 21,4% das mulheres já estiveram em hospitais psiquiátricos, enquanto que entre os homens, esse percentual ficou na casa dos 15,9%; das mulheres participantes, 35,54% afirmaram ter problemas de saúde, em oposição a 28,6% dos homens. Estes dados levam a pensar que a mulher em situação de rua tende a estar mais vulnerável do que os homens que se encontram na mesma condição (Brasil, 2009a).

Considerando as condições de vulnerabilidade vivenciadas pela população em situação de rua, além das questões psicossociais geradoras de sofrimentos físicos e emocionais que possibilitam riscos maiores para a saúde, especialmente para as mulheres, representa um desafio a efetivação de políticas de saúde que deem conta dessa complexidade (Brasil, 2012a).

Assim, a Política Nacional para a População em Situação de Rua e o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, em consonância com a Política Nacional da Atenção Básica (PNAB), no âmbito de suas ações, determina, tanto em nível individual quanto em nível coletivo, desenvolver uma atenção integral que impacte a situação de saúde e autonomia das pessoas e os determinantes e condicionantes de saúde. É intitulada também como o contato preferencial dos usuários com os sistemas de saúde, orientando-se pelos princípios da universalidade, da acessibilidade e da coordenação do cuidado, do vínculo e do acompanhamento longitudinal, da integralidade, da responsabilização, da humanização, da equidade e da participação social (Brasil, 2012a).

Nesse sentido, é de responsabilidade da atenção básica acolher a população em situação de rua, a despeito da ausência de moradia fixa. O Consultório na Rua (CnaR) é considerado um dispositivo da PNAB que visa atuar frente aos diferentes problemas e necessidades de saúde da população em situação de rua. Os Consultórios na Rua são formados por equipes multiprofissionais e prestam atenção integral à saúde de uma referida população em situação de rua *in loco* (Brasil, 2012a).

Ao considerar o enfermeiro membro partícipe dessa equipe multiprofissional, entende-se que estudos dessa natureza agregam valor à produção de conhecimento na Enfermagem. Possibilitam a introdução de novos indicadores e olhares para o

planejamento de ações voltadas para a assistência à população em situação de rua, com destaque para o público feminino.

2 REVISANDO A LITERATURA

2 REVISANDO A LITERATURA

2.1 POPULAÇÃO DE RUA NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Não se pode precisar o exato momento histórico em que se deu o surgimento de pessoas vivendo nas ruas das cidades brasileiras. A Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua apontou que foi na década de 1950 que esse fenômeno começou a se tornar mais visível no país (Brasil, 2009a).

Tal aparição pode ser explicada pelo intenso deslocamento da população rural, principalmente das regiões norte e nordeste para o meio urbano, em decorrência da mecanização da mão de obra no campo, associado ao sonho do enriquecimento rápido nos grandes centros, em especial localizados na região sudeste do país (Brasil, 2009a).

Em meio ao dinamismo econômico ocorrido na época, junto ao processo de criação das cidades, não restou espaço para quem realmente tivesse contribuído para a construção das grandes edificações, sendo estes obrigados a rumar para as periferias. Dessa forma, o processo de ida e volta para o trabalho era muito exaustivo, tendo como única opção dormir ao relento próximo ao local do emprego ou utilizar casas de acolhida noturna que já existiam na época (Brasil, 2009a).

Outro aspecto de grande relevância a ser ressaltado na década de 1950 foi o alto índice de desemprego, ocasionado pelo inchaço populacional, que conduziu os donos de estabelecimentos a contratarem pessoas que apresentassem o perfil exigido pela função a ser desempenhada (Brasil, 2009a).

A dificuldade de encontrar emprego, associada à localização periférica das moradias nos grandes centros urbanos, levou muitas pessoas a buscarem alternativas, sendo uma delas a venda de mercadorias em sinais de trânsito e nas calçadas das cidades. Tal prática chamou a atenção das autoridades públicas, que a combateram com vigor, impedindo que esta ação comercial acontecesse, na medida em que não gerava tributos ao Estado (Brasil, 2009a). Cada vez mais, essas pessoas iam ficando à margem da sociedade e do sistema produtivo, com dificuldade de conseguir se sustentar, o que as levava para as ruas, a fim de tentar um meio de sobrevivência (Brasil, 2009a).

Hoje essa trajetória não se faz diferente. A demanda do mundo atual exige cada vez mais das pessoas uma colocação na sociedade, mediada pela busca por uma formação qualificada que possibilite a oportunidade de um bom emprego e uma renda mais elevada, satisfazendo assim não somente as necessidades de consumo, mas também a projeção social e familiar. Pessoas que não conseguem desenvolver essa habilidade ficam situadas distantes desse cenário de inclusão almejado pela sociedade (García Justicia, 2014).

Embora as estatísticas apontem para o aumento da renda do povo brasileiro, as transformações e avanços das classes menos favorecidas, ainda há uma considerável distância social e econômica entre os brasileiros inseridos no sistema produtivo e aqueles entregues à miséria e ao desamparo, sendo destituídos dos direitos básicos referentes ao trabalho, à saúde e à moradia (Frazão, 2010).

É importante ressaltar que a população muito pobre, sem-teto e com o mínimo de dignidade e cidadania sofre o estigma relacionado à própria condição em que se encontra, é refém de estereótipos e encarada com repulsa, podendo suscitar o desejo nos outros de que não incomode com a sua presença (Frazão, 2010).

Falar em população de rua é falar de exclusão social. Esta se caracteriza pela falta ou a negação de recursos, direitos, bens e serviços, somada à incapacidade de participar nas relações e atividades normais, disponível para a maioria das pessoas em uma sociedade, seja no âmbito econômico, social, cultural ou político. Ela afeta tanto a qualidade de vida dos indivíduos como a coesão da sociedade como um todo, traduzindo-se como uma grave consequência da iniquidade social (Levitas et al., 2007).

O Departamento do governo da Inglaterra responsável pelo combate à exclusão social no país ratifica a ideia de que a exclusão social pode acontecer quando pessoas ou áreas têm uma junção de problemas que se relacionam – o desemprego, a discriminação, a baixa renda, as condições precárias de habitação, a alta criminalidade e a desagregação familiar. Tais problemas se entrelaçam e se reforçam mutuamente (Cabinet Office UK, 2014).

Nessas condições, encontram-se as pessoas em situação de rua. Esse grupo social representa uma espécie de categoria abstrata de reagrupamento das populações que, em diversas épocas históricas, sempre se situaram à margem do sistema de organização social (Rui e Frangella, 2009). Assim, as expressões utilizadas para caracterizar esse segmento populacional nem sempre são precisas,

sendo moldadas, transformadas e adaptadas em diferentes sociedades e culturas (Prates, Prates, Machado, 2012).

Nas literaturas estrangeiras, um termo bem utilizado e que se aproxima mais da realidade brasileira, é a expressão *homeless* (sem lar). Esta população não se limita a englobar somente aqueles que se encontram sem casa e que se situam nas ruas, mas também aqueles que vivem em lugares degradados, não adequados à habitação humana, ocupando espaços residuais das cidades (Quintão, 2012).

No Brasil, o termo “população em situação de rua” tem sido o mais difundido, devido ao fato de essas pessoas não serem necessariamente da rua, mas sim estarem nela situadas por diversos motivos – vício de drogas lícitas e ilícitas, pobreza extrema, desafetos familiares, doenças de ordem psiquiátrica, entre outros (Rozendo, 2011).

Cabe salientar a importância de não se firmar somente em fatores estruturais – pobreza extrema, falta de moradia – para tentar conceituar esse contingente populacional, visto que nomenclaturas como “moradores de rua”, “população de rua” e “sem teto” ainda são encontradas na literatura (Prates, Prates, Machado, 2012).

Dessa forma, a definição “população em situação de rua” parece ser a mais apropriada, pois, além de romper estereótipos, serve para pensar nessas pessoas como seres humanos dotados de capacidades e que, por ora, estão vivendo na rua, mas que podem, no futuro, sair dessa condição (Rozendo, 2011).

Ao considerarem que a estadia na rua pode ser uma “situação”, alguns pesquisadores procuram categorizar esse contingente populacional, levando em conta a temporalidade. Nesse sentido, distingue-se “ficar na rua circunstancialmente” (situação que advém da precariedade da vida da pessoa), “estar na rua recentemente” (situação em que já se estabelecem relações com outras pessoas que vivem ou trabalham na rua) e “ser de rua permanentemente” (situação que, devido ao longo tempo na rua, já há processo de debilitação física e mental, especialmente pelo uso do álcool e outras drogas, alimentação deficitária e exposição e vulnerabilidade a violências) (Vieira, Bezerra, Rosa, 1992).

Portanto, o tempo é uma importante variável no que se refere à população em situação de rua, pois, em grande medida, essa variação cronológica acaba por determinar as chances de um indivíduo sair mais rapidamente da rua. Comumente, quanto menor o tempo de rua, maiores são as probabilidades de sair dessa condição. Em contrapartida, quanto maior o tempo em situação de rua, menor a

chance de os indivíduos saírem dessa realidade social (Ferreira, Machado, 2007).

2.2 DESDOBRAMENTOS POLÍTICOS VOLTADOS PARA A POPULAÇÃO DE RUA

A construção de propostas políticas que dessem conta da problemática de viver em situação de rua no Brasil teve seu início nos movimentos sociais que ocorreram em torno desse grupo populacional (Movimento Nacional da População de Rua, 2010).

Na década de 1960, já se observavam iniciativas de organização por parte das pessoas que viviam em situação de rua em algumas cidades brasileiras. Nas décadas seguintes, apoiadas por organizações não governamentais (ONGs), essas pessoas realizavam mobilizações e manifestações por melhores condições de vida, bem como por políticas públicas que assegurassem sua autonomia (Movimento Nacional da População de Rua, 2010).

Foi neste período que uma parte da população em situação de rua, que trabalhava na catação de material reciclável, formou as primeiras associações e cooperativas de catadores, depois organizadas no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (Movimento Nacional da População de Rua, 2010).

No final dos anos 1990 e até o início dos anos 2000, inúmeras mobilizações nas principais cidades brasileiras tornaram visíveis à sociedade e aos poderes públicos as duras condições de vida na rua. Parcerias foram se consolidando por meio de fóruns de debate e de manifestações públicas, com presença de pessoas em situação de rua nos Conselhos de Assistência Social e de Monitoramento (Movimento Nacional da População de Rua, 2010).

Em setembro de 2005, convidadas a participar do 4º Festival Lixo e Cidadania, as pessoas em situação de rua de Belo Horizonte mobilizaram outros companheiros do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Cuiabá. Foi neste encontro que houve o lançamento do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), como expressão dessa participação organizada em várias cidades brasileiras (Movimento Nacional da População de Rua, 2010).

Nesse sentido, o MNPR surgiu para dar voz aos seus integrantes e para despertar consciência política, fortalecendo a união dessas pessoas em todo o país, a fim de minorar os riscos de viver na rua. Além disso, levantou a bandeira de repúdio ao preconceito, à discriminação e às violações dos direitos humanos, através da reivindicação de políticas públicas que atendessem às necessidades e à dignidade humana (Movimento Nacional da População de Rua, 2010).

Em relação às políticas públicas, em 2004, a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), através do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), reconheceu a atenção à população em situação de rua no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) (PNAS/2005). Isso trouxe um incremento nos estudos neste campo e a criação de decretos, portarias e resoluções voltadas para sanar os problemas que envolvem esse contexto (Brasil, 2005).

Seguindo o fluxo de acontecimentos favoráveis à atenção dada às pessoas em situação de rua, em 2005, foi incluída, na Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), a prerrogativa de que, na organização dos serviços da Assistência Social, deverão ser criados programas destinados às pessoas em situação de rua (Brasil, 2005).

O marco dentro do processo histórico no que tange às políticas voltadas para essa população aconteceu em dezembro de 2009. Quando foi promulgado o Decreto nº 7.053, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e o seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento (Brasil, 2009b).

Tal política prevê como princípios, além da igualdade e equidade, o respeito à dignidade da pessoa humana, o direito à convivência familiar e comunitária, a valorização e respeito à vida e à cidadania, o atendimento humanizado e universalizado, o respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência (Brasil, 2009b).

Embora seja notória a conjuntura favorável no que tange ao enfrentamento através de debates e criações de políticas públicas que possam assegurar os direitos do cidadão em situação de rua, no Brasil e em outros países, esse problema parece estar longe de acabar, considerando a sua complexidade (Pimenta e Silva, 2010; Donoso et al., 2013).

É desconhecido o aspecto que mais condiciona a rua como moradia para

essas pessoas, contudo sabe-se que, nesse contexto tão adverso, inúmeros fatores podem comprometer a estrutura desses indivíduos, agravando suas capacidades mentais e físicas.

Diante dessa realidade, algumas pessoas sentem a necessidade de criar uma nova sociabilidade como estratégia de sobrevivência. Nessa perspectiva, inserem-se os albergues, que se constituem na principal política pública voltada para abrigar essa população, concebidos, originalmente, como uma forma de abrigo provisório para as pessoas que estivessem saindo da rua (Brasil, 2009c).

Dentro da Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, o albergue é reconhecido como Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua. Esse equipamento tem como objetivo possibilitar condições de acolhida na rede socioassistencial, contribuir para a construção de novos projetos de vida, respeitando as escolhas dos usuários e as especificidades do atendimento. Também contribui para restaurar e preservar a integridade e a autonomia da população em situação de rua, promovendo ações para a reinserção familiar e/ou comunitária (Brasil, 2009c).

Para atender essa população, o serviço conta com profissionais de nível médio e fundamental – assistente administrativo, atendente/monitor, cozinheiro, porteiro; auxiliar de serviços gerais – e profissionais de nível superior como psicólogo, assistente social, além do coordenador que pode ter nível médio ou superior de escolaridade. O atendimento é direcionado para jovens, adultos, idosos e famílias que utilizam as ruas como local de moradia e/ou sobrevivência. A instituição oferece o acesso a espaços de guarda de pertences, de higiene pessoal, de alimentação, dormitório, provisão de documentação civil, além de proporcionar endereço institucional para utilização, como referência, do usuário (Brasil, 2009c).

A utilização do albergue como referência do usuário é muito importante, já que lhe permite fazer a requisição para o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CADUNICO), a qual só é permitida às pessoas com endereço fixo (Brasil, 2011). Um estudo qualitativo de enfoque antropológico, realizado na cidade de Salvador, constatou que as pessoas albergadas consideravam estar mais assistidas quanto aos seus direitos sociais, especialmente em relação à possibilidade de conseguir um trabalho formal e de se beneficiarem de programas como o Bolsa Família (Aguiar, 2012).

Outro ponto positivo que se desdobra nos acontecimentos políticos em torno da população de rua e que vem como forma de amenizar a vulnerabilidade inscrita na situação de viver na rua é a atenção à saúde da população em situação de rua no Sistema Único de Saúde (SUS). Ampliam-se o acesso e a qualidade à saúde integral dessa população (Brasil, 2012a).

A atenção básica é um espaço prioritário para o fortalecimento do cuidado e a criação de vínculo na rede de atenção à saúde, que possibilita a inserção efetiva dessa população no SUS. O Ministério da Saúde, ao eleger como modelo a criação de uma política pública de saúde para a população em situação de rua em consonância com as diretrizes da atenção básica, assume legitimamente a responsabilidade da promoção da equidade, garantindo o acesso dessas pessoas às outras possibilidades de atendimento no SUS, como os Consultórios na Rua (Brasil, 2012a).

O Consultório na Rua é formado por equipe multiprofissional, que realiza atividades de forma itinerante, desenvolvendo ações compartilhadas e integradas às Unidades Básicas de Saúde (UBSs). Os Consultórios na Rua lidam com os diferentes problemas e necessidades de saúde da população em situação de rua, desenvolvendo ações compartilhadas e integradas também com as equipes dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), dos serviços de Urgência e Emergência e de outros pontos de atenção, de acordo com a necessidade do usuário, a fim de minorar os aspectos geradores de vulnerabilidade nesse grupo social (Brasil, 2012a).

2.3 VULNERABILIDADE: ENFOQUE PARA A MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA

A vulnerabilidade é um conceito complexo que diz respeito à possibilidade de o ser humano ser lesado, tanto no aspecto físico como no social, segundo diferentes graus de intensidade. Atinge todos aqueles que não se enquadram no perfil dominante (homem, branco, heterossexual e jovem) da sociedade ocidental (Sotero, 2011).

As pessoas em situação de rua são consideradas vulneráveis pela possibilidade de ter a sobrevivência ameaçada pela falta de infraestrutura mínima

para a satisfação das necessidades humanas básicas (psicofísicas e sociais). Estudo realizado em São Paulo mostrou que um grupo dos indivíduos em situação de rua, se comparado com outros vulneráveis, pode ser considerado de extrema vulnerabilidade e exclusão social (Barata et al., 2015).

Em relação à mulher na situação de rua, salienta-se a desigualdade de direitos na sociedade que a torna mais vulnerável. Contudo, não é permitido a ela ser considerada frágil e dependente, tampouco vítima, pois a vida na rua é complexa e constitui um espaço de conflitos e contradições sociais, permeado de violência, discriminação e desigualdades (Rosa e Bretas, 2015).

A mulher em situação de rua – em razão do predomínio da população masculina – precisa conviver em um contexto repleto de preconceitos e violência, o que muitas já vivenciavam antes de perderem seus lares. O rompimento com a família é extremamente presente na vida dessas mulheres, sendo prevalentes as situações de violência doméstica, sexual e moral, que impulsionam a ida para as ruas.

Dados de pesquisa canadense realizada em albergues direcionados a ajudar mulheres que sofrem violência doméstica evidenciaram que, entre as 62 participantes, 53 sofreram violência verbal e psicológica, 17 foram abusadas sexualmente, 20 passaram por ameaças e tentativas de morte por parte de seus parceiros, nove já tinham sido esfaqueadas e duas foram espancadas por seus parceiros e correram risco de morrer (Tutty et al., 2014).

A vida na rua exige que as mulheres lidem, cotidianamente, com uma diversidade de situações que envolvem diretamente a relação com seu corpo, sexualidade e, em alguns casos, com o cuidado do filho. Envolve ainda a necessidade de lidar com um estereótipo construído com base na imagem feminina considerada ideal – da mulher, mãe e cuidadora – presente tanto no senso comum quanto nas políticas públicas, que valorizam o papel da mulher dentro da família (Brasil, 2009a).

Em Calgary, Canadá, foi conduzido um estudo sobre os fatores que contribuem para a vulnerabilidade de mulheres em situação de rua, ressaltando-se o fato de possuir filhos como causador de grande impacto para colocar a mulher em situação mais vulnerável. Segundo as participantes do estudo, o número de vagas em abrigos para mulheres com filhos é muito menor do que o número de vagas para homens. A dificuldade em conseguir emprego por causa dos filhos também é

grande.

Nesse sentido, devido à incapacidade de suprir as necessidades básicas da família, muitas mulheres em situação de rua optam por deixar seus filhos para adoção ou aos cuidados de um parente próximo. A perda da guarda de seus filhos foi propulsora para afetar a saúde mental dessas mulheres e para diminuir a esperança em sair da condição de moradoras de rua (Shier, Jones, Graham, 2011).

No que tange à saúde mental dessas mulheres, o modo de vida miserável que levam pode servir como um eixo que sustenta e multiplica tanto os transtornos mentais como a exclusão social (Souza, 2011). Uma pesquisa realizada em três cidades do Canadá, com 196 mulheres adultas em situação de rua, avaliou as taxas de prevalência de transtorno mental e o uso concomitante de substâncias psicoativas. Constataram-se taxas de prevalência de 63% para a desordem mental, sendo que, destes, 58% das mulheres tinham dependência por substâncias químicas e 22% apresentavam risco alto ou moderado de cometer suicídio (Strehlau et al., 2012).

Além das questões mentais, salienta-se a vulnerabilidade das mulheres para doenças que resultam do contexto adverso de prostituição, uso de drogas ilícitas e bebidas alcoólicas no qual estão inseridas. Um estudo realizado nos Estados Unidos, com 249 adultos do sexo feminino, confirmou um quantitativo de 133 infectadas com o vírus da imunodeficiência adquirida (Riley et al., 2011).

Portanto, em relação à população de rua, as mulheres constituem o grupo mais vulnerável a uma multiplicidade de agravos, sendo relevante a realização de pesquisas que se proponham a investigar suas experiências e expectativas quando envolvidas nesse contexto social.

A realização de estudos que se debrucem sobre essa temática pode auxiliar no processo de divulgação de um importante problema social presente na contemporaneidade, além de possibilitar fornecer evidências científicas que poderão nortear a assistência, de acordo com as reais necessidades desse público.

3 REFERENCIAL TEÓRICO- METODOLÓGICO

3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1 OPÇÃO PELA PESQUISA FENOMENOLÓGICA

A fenomenologia tem como princípio fundamental a intencionalidade, portanto o pensamento fenomenológico é essencialmente descritivo. O propósito da fenomenologia, segundo seu criador, Edmundo Husserl, é o de fornecer elementos para o desenvolvimento das ciências eidéticas, ou ciências puras, que constituem a base das ciências positivas (Gil e Yamauchi, 2012).

O método fenomenológico pretende abordar o sentido do fenômeno, tal como ele aparece à consciência, e não como plano da existência factual dos objetos do mundo. Portanto, a aplicação do método fenomenológico no campo da pesquisa ressalta o interesse do pesquisador nos significados atribuídos pelos participantes às percepções que eles têm daquilo que está sendo investigado. Baseia-se na interpretação dos fenômenos, por meio da redução fenomenológica, a partir da descrição direta da experiência das pessoas, buscando a generalidade (Brum, Bertineti, Souza, 2013).

Para a operacionalização da pesquisa fenomenológica, os temas apropriados são os referentes à experiência vivida dos seres humanos, que se expressa em sentimentos, crenças, aspirações e temores. Na definição da situação a ser estudada, o pesquisador exterioriza interrogações que o conduzem ao desvelamento do fenômeno. Na primeira etapa da pesquisa fenomenológica, é necessário que o pesquisador deixe de lado tudo o que já conhece ou supõe acerca do fenômeno. Esta etapa corresponde à *epoché*, que implica a suspensão de qualquer hipótese que antecipe a realidade a ser investigada (Gil e Yamauchi, 2012).

A escolha da técnica de produção de dados, com vistas a apreender os aspectos da subjetividade dos participantes da pesquisa, aponta a entrevista como uma das possibilidades. A entrevista na pesquisa fenomenológica busca acessar o vivido do ser humano, por meio de um movimento de compreensão. Para tal, o pesquisador precisa exercitar a atitude fenomenológica, mediada pela empatia e intersubjetividade, e se mobilizar com aquilo que foi dito e com o que foi silenciado. Esse movimento permite escutar, calar, sentir, falar e refletir, para acessar a compreensão do fenômeno (Paula et al., 2014).

A análise dos depoimentos requer o tratamento das unidades de significado obtidas por meio da entrevista. Inicia-se com a leitura geral do material, definição das unidades de significado, expressão das mesmas na perspectiva teórico-metodológica escolhida pelo pesquisador e formulação de uma síntese dessas unidades (Gil e Yamauchi, 2012).

O método fenomenológico foi escolhido nesta pesquisa por permitir ir à consciência da mulher em situação de rua que utiliza o albergue para pernoitar, buscando o modo como ela se volta para essa experiência, ou seja, sua intencionalidade. Entretanto pressupõe-se que esta experiência não se restringe a uma intencionalidade individual, na medida em que o modo como a consciência se volta para alguma coisa, atribuindo-lhe significado, passa por uma estrutura social, na qual se estabelece uma relação intersubjetiva. Nesse sentido, elegeu-se a fenomenologia social de Alfred Schütz como fundamentação teórico-metodológica.

3.2 PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS DA FENOMENOLOGIA SOCIAL DE ALFRED SCHÜTZ EM INTERFACE COM A TEMÁTICA

O cotidiano da mulher que vive em situação de rua exige que ela se situe em um processo contínuo de enfrentamento, necessário para a sua sobrevivência na realidade social em que se encontra. Anterior a esta realidade, existe o mundo da vida, também denominado de mundo cotidiano ou social.

O mundo social caracteriza-se como um mundo dado, já existente, anterior ao nascimento dos homens que, a partir do momento em que nele habitam, passam a agir em um estado de atitude natural, ou seja, em uma atitude de correspondência ao mundo apresentado (Schütz, 2012).

Este mundo é cultural, pois é tecido em tramas que orientam um agir cotidiano a partir de uma dada realidade social, constituída por pessoas que vivem em relação com o mundo e com os seus semelhantes. A natureza deste mundo traz como característica fundante a intersubjetividade, que produz sentidos sociais às pessoas imersas em uma dada realidade (Schütz, 2009).

Tais sentidos sociais fazem parte do acervo de conhecimentos construído ao longo da vida pelo ser humano. Este é composto primariamente pelas referências iniciais da pessoa no mundo da vida, dando-se, em primeira instância, no universo

familiar e, posteriormente, nas relações que se estendem para a macroestrutura social, como na escola, no trabalho, nos círculos de amizade, entre outros. Nestes espaços, são produzidas experiências de ressignificações do mundo social (Schütz, 2009).

O acervo de conhecimentos, que está em constante processo de modificação, permite que os homens se situem de uma determinada maneira no mundo, conduzindo-os a assumir uma dada situação biográfica, isto é, a posição que ocupam no mundo da vida (Schütz, 2009). Apesar de disponível e acessível à pessoa, o acervo de conhecimentos é tecido continuamente na intersubjetividade, em um mundo de relações que passam por sucessivas significações e ressignificações. Esta dinâmica fomenta a emergência permanente de novos sentidos sociais, permitindo que, tal como estes, também sejam modificadas as próprias pessoas e as estruturas sociais das quais fazem parte (Schütz, 2009).

Isso traz à tona a importância do acervo de conhecimentos e da situação biográfica para o agir da pessoa no mundo da vida, o que Schütz denomina de ação social. Para a fenomenologia social de Alfred Schütz, a ação é o cerne da vida social, pois é a partir dela que o homem, imbuído de uma intencionalidade e de um propósito, é motivado para a transformação de si e da sua realidade social (Schütz, 2009).

Esta motivação é de natureza existencial, na medida que deriva de uma intenção cujo cerne é a subjetividade. A teoria da motivação é compreendida por Schütz como o fio condutor da ação social, sendo este tecido pelo passado/presente vividos (motivos porque) e pelo futuro (motivos para) (Schütz, 2009).

Os “motivos porque” estão diretamente atrelados ao acervo de conhecimentos e à situação biográfica do homem e os “motivos para” fazem alusão às expectativas e projetos que, a partir da sua própria trajetória de vida e situação em que se encontra no presente, a pessoa consegue vislumbrar para si. Portanto, o conjunto de motivos “porque” e “para” assume fundamental importância na compreensão da ação social, uma vez que traduz o fluxo intencional de uma dada ação do homem no mundo da vida (Schütz, 2009).

Diante da pessoa que está inserida em um mundo intersubjetivo, toda interpretação de sua singular experiência deve se fundamentar sob a perspectiva subjetiva. Nesta perspectiva, cabe ao pesquisador assumir uma postura de distanciamento em relação ao participante da pesquisa, a fim de que possa observá-

lo no mundo social. Para objetivar algo subjetivo, faz-se necessário construir um esquema conceitual, que permita agrupar as informações acerca desse mundo, o que se denomina tipificação (Schütz, 2012).

A tipificação em Schütz se refere a um tipo pessoal que vive em um mundo social real e que realiza um ato típico. Diz respeito ao encontro do pesquisador não com o tipo ideal – gestado no mundo das ideias –, mas sim com o tipo vivido, que permitirá a compreensão do homem nas suas relações sociais. A tipologia compreensiva de Schütz se dá por meio da organização teórica das características da existência concreta de pessoas que compõem um dado grupo social, que possuem características e finalidades típicas, considerando a realidade em que estão inseridas no mundo social (Schütz, 2012).

No presente estudo, o grupo social compõe-se de mulheres que vivem em situação de rua e utilizam o albergue para pernoitar. A realidade social – **mundo da vida** – em que vivem é permeada por questões adversas que elas precisam transpor para saírem da rua ou para se manterem lá. Este movimento traduz a ação social em fluxo, desvelada nesta investigação. Esta ação está relacionada ao conjunto de experiências que marcam as suas trajetórias de vida, que traduzem o acervo de conhecimentos de que dispõem e suas expectativas a partir da situação biográfica de estar na rua.

Para refletir acerca do seu cotidiano na rua, a mulher recorre às suas experiências vividas no passado e no presente. Estas experiências são tecidas na **intersubjetividade**, isto é, junto a outras pessoas que se encontram também em situação de rua e outras pessoas que com ela convivem.

A realidade social em que vivem – a rua – pode se constituir no meio em que nasceram ou para o qual tiveram de migrar em um dado momento da vida. No entanto, para além dos motivos que justificam a chegada destas mulheres à rua, mais importante para este estudo são aqueles que sinalizam o desejo de se manterem nessa ou saírem dessa **situação biográfica**, o que remete ao enfrentamento do cotidiano da realidade social em que estão inseridas.

Isso implica considerar que, no contexto da rua, a mulher vivencia o construir e reconstruir continuamente a sua própria história, sedimentada em suas experiências prévias e disponíveis à mão – **acervo de conhecimentos**. Isso a situa biograficamente no mundo da vida e lhe permite encontrar motivos singulares que sustentam sua vida neste espaço social – **motivos porque**. Neste contexto, ela tem

a possibilidade de acessar outros espaços sociais disponíveis, para que possa apoiá-la a vivenciar a realidade da rua, tal como os albergues, as ONGS, as igrejas, entre outros.

Este grupo específico – mulheres em situação de rua que utilizam o albergue para pernoitar – é dotado também de expectativas, diante da condição atual em que se encontra, as quais merecem ser investigadas. Estas se concentram no plano dos **motivos para**, cerne dos projetos que as pessoas vislumbram diante da realidade social em que se encontram.

O conjunto de motivos “porque” e, “motivos para” destas mulheres, diante da experiência de viver em situação de rua, permitiu ao pesquisador ir ao encontro das finalidades típicas desse grupo social. Este encontro foi tecido na singularidade das experiências dessas mulheres, que configuram um sentido comum, passível de ser objetivado por meio de um esquema conceitual, isto é, a **tipificação**.

O típico da ação vivida revelou o sentido social das experiências conscientes das mulheres estudadas. Esta tipificação ancorou-se na secundarização das características individuais, em detrimento do encontro com a representação invariante da ação da mulher diante do contexto social vivenciado.

Portanto, seguindo as premissas da fenomenologia social, o presente estudo buscou desvelar a experiência vivida de mulheres em situação de rua que utilizam o albergue para pernoitar.

3.3 CENÁRIOS E PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Teve como cenário o Albergue Núcleo do Cidadão de Rua Herbert de Souza. Este promove o acolhimento provisório institucional noturno, em regime de casa de passagem, para a população a partir dos 18 anos, que reside no município de Juiz de Fora há mais de um ano. O albergue atende também os migrantes – aqueles que estão há menos de um ano no município –, em caso de não haver vagas para atendimento no convênio Sociedade São Vicente de Paula (instituição católica destinada a oferecer dormitório somente para migrantes).

O albergue tem como objetivo construir o processo de saída das ruas, contribuindo para restaurar e preservar a integridade, autonomia e protagonismo da

população em situação de rua, buscando a promoção da pessoa humana. O serviço promove ações para reinserção familiar e comunitária, possibilitando condições de acesso à rede de serviços socioassistenciais, a benefícios e demais políticas públicas, servindo também como endereço institucional para utilização como referência do usuário. Trabalha em rede intersetorial, buscando a articulação com outros serviços de atendimento à população em situação de rua e órgãos do Sistema de Garantias de Direitos Humanos (Brasil, 2009c).

No município estudado, o albergue oferece um total de 150 vagas, sendo 134 para homens e 16 para mulheres. A forma de o cidadão em situação de rua acessar o serviço é por demanda espontânea e encaminhamento do Centro de Referência de Apoio Social (CRAS), Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (CENTRO POP), CAPS e outros serviços socioassistenciais derivados das políticas públicas voltadas para este público-alvo. O equipamento possibilita aos albergados pernoitar, realizar a higiene corporal, alimentar-se e ter acompanhamento social. Funciona de domingo a domingo, das 19h às 7h, sendo que, de segunda a sexta, os usuários acessam o equipamento às 18 horas.

Essa instituição é regida pela Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura de Juiz de Fora, ficando a execução do serviço a cargo da Associação Municipal de Apoio Comunitário, que realiza o atendimento da população em situação de rua do município, desde a metade da década de 1980.

Portanto, constitui critério de inclusão no presente estudo ser mulher adulta, que vive em situação de rua e utiliza o albergue para pernoitar. Foram excluídas as mulheres que, ao serem abordadas pela pesquisadora, encontravam-se visualmente sob o efeito de substâncias que poderiam interferir na concessão do depoimento, como álcool e/ou drogas.

Cabe ressaltar que a opção por abordar as participantes no albergue foi uma estratégia que possibilitou à pesquisadora um ambiente seguro e tranquilo para a obtenção dos depoimentos. Ademais, estar neste cenário viabilizou o acesso a um grupo social específico, que vivencia a experiência de morar na rua e que se utiliza de um equipamento social destinado ao apoio a esta população.

3.4 OBTENÇÃO DOS DEPOIMENTOS

A coleta de dados foi realizada nos meses de maio e junho de 2015, por meio de entrevista fenomenológica. Esta modalidade de entrevista pressupõe a abordagem centrada na empatia entre o pesquisador e o participante, constituindo-se em um instrumento que permite o homem revelar a sua experiência vivida no mundo social (Jesus et al., 2013).

A entrevista fenomenológica requer uma relação face a face – encontro direto e autêntico entre pessoas –, relação esta considerada o mais importante tipo de relação social. Este encontro permite ao homem manter-se aberto e acessível aos atos intencionais do outro, o que constitui a “relação nós” permissível ao fluxo da consciência do outro (Schütz, 2009).

O acesso às mulheres deu-se a partir do contato com o responsável pelo Albergue Municipal, onde as pessoas em situação de rua pernoitam. Após o consentimento da instituição para a realização da pesquisa (Apêndice 1), foi disponibilizada uma sala, a fim de que as participantes tivessem privacidade e se sentissem seguras para discorrerem acerca de suas experiências.

Às participantes foi garantida a escolha de entrar no albergue uma hora antes do habitual para a realização da entrevista, com a finalidade de não prejudicar a rotina de cuidados oferecidos pelo albergue. Nenhuma delas utilizou esse benefício.

Para proceder às entrevistas, a pesquisadora compareceu diariamente no albergue no momento em que as mulheres chegavam ao local para pernoitar. Considerando os critérios de inclusão no estudo, foi explicado a cada mulher o objetivo da pesquisa e solicitado sua participação voluntária. As que concordavam eram encaminhadas para a sala destinada à entrevista. Todas as participantes prestaram o depoimento após o banho e o jantar, servido no albergue.

Antes de iniciar a entrevista, foi apresentado à mulher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como o objetivo da pesquisa e as garantias da integridade legal e moral tanto da pesquisadora quanto da participante, visto que ambas assumiram responsabilidades. Todas eram alfabetizadas e assinaram o TCLE (Apêndice 2).

Para caracterizar as participantes e situá-las biograficamente, no roteiro da entrevista, foram incluídas no cabeçalho perguntas que forneceram dados pessoais

(idade, cor autodeclarada, grau de escolaridade, naturalidade, estado civil, número de filhos e contato com familiares) e socioeconômicos (trabalho, renda e apoio de políticas públicas) e história da situação de rua (motivo que as levou para as ruas, tempo que estão nesta condição).

Na condução das entrevistas, utilizaram-se as seguintes questões norteadoras: como é para você viver em situação de rua? O que a faz buscar o albergue para pernoitar? Além do albergue, a quem você recorre para ajudá-la? Quais suas expectativas, considerando que você está vivendo em situação de rua?

As entrevistas duraram em torno de 40 minutos, foram gravadas, mediante autorização das participantes e transcritas pela pesquisadora de forma a preservar a organização das ideias, a linguagem utilizada e todos os detalhes do depoimento.

A coleta de depoimentos foi encerrada no momento em que se percebeu que as indagações foram respondidas e os objetivos da pesquisa alcançados. A convergência dos resultados se deu na oitava entrevista, não havendo a evidência de novos significados até o décimo depoimento (Fontanella et al., 2011). Assim, fizeram parte deste estudo dez mulheres em situação de rua.

A fim de garantir o anonimato, as participantes foram identificadas com a letra “M” (Mulher), seguida dos números arábicos correspondentes à ordem em que as entrevistas foram sendo realizadas (M1 a M10).

3.5 SITUAÇÃO BIOGRÁFICA DAS PARTICIPANTES

As características da situação biográfica das dez mulheres em situação de rua que foram entrevistadas são apresentadas a seguir:

Mulher 1: 46 anos. Cor parda. Estudou até o 1ºano do Ensino Fundamental I. Natural de Torrões, MG. Não possui ocupação e tem como renda a esmola e prostituição. É solteira e vive sozinha. Possui uma filha. Tem contato com os pais e irmãos esporadicamente. O conflito familiar motivou a ida para a rua. Encontra-se nessa condição desde os 12 anos de idade.

Mulher 2: 22 anos. Cor preta. Possui Ensino Médio completo. Natural de Guarani, MG. Não possui ocupação e tem como renda a esmola. Além do albergue, conta com a ajuda do Centro POP. Solteira, sem filhos. Não tem contato com familiares. O conflito familiar motivou a ida para a rua. Encontra-se nessa condição há cinco meses.

Mulher 3: 24 anos. Gestante. Cor parda. Possui Ensino Fundamental II completo. Natural de Bicas, MG. Traficante e tem como renda o dinheiro do tráfico e do Programa Bolsa Família. Além do albergue, conta com o Centro POP e Consultório na Rua. Convive com o companheiro, também morador de rua, e possui quatro filhos. Tem contato com a mãe e o filho mais velho. O motivo que a levou a estar em situação de rua foi a droga e o conflito familiar. Encontra-se nessa condição há seis anos.

Mulher 4: 35 anos. Cor preta. Estudou até o 4ºano do Ensino Fundamental I. Natural de Visconde do Rio Branco, MG. Não possui nenhuma ocupação e tem como renda a esmola. Convive com o companheiro, também morador de rua, e possui três filhos. Tem contato com a avó e os filhos. A droga e o conflito familiar a levaram a estar nessa condição há dois anos.

Mulher 5: 22 anos. Cor preta. Estudou até o 4ºano do Ensino Fundamental I. Natural de Juiz de Fora, MG. É catadora de material reciclável e tem como renda a reciclagem. Solteira, vive sozinha e possui quatro filhas. Tem contato com a mãe e as filhas. A droga e o conflito familiar a levaram a estar em situação de rua há cinco anos.

Mulher 6: 26 anos. Cor parda. Estudou até o 3ºano do Ensino Médio. Natural de Juiz de Fora, MG. Possui como ocupação a catação de material reciclável e tem como renda a reciclagem. Convive com o companheiro, também morador de rua. Não possui filhos. Tem contato com a mãe e os irmãos. A droga e o conflito familiar a levaram a estar em situação de rua há dois anos e meio.

Mulher 7: 27 anos. Cor preta. Possui 3º grau completo, com formação em Ciências Biológicas e Agroecologia. Natural de Curitiba, PR. Possui como ocupação os

malabares em sinal de trânsito e tem como renda a esmola. É solteira, vive sozinha, não possui filho. Tem contato com os pais. Foi para a rua em busca de liberdade e se encontra nessa condição há um ano e meio.

Mulher 8: 27 anos. Cor parda. Possui Ensino Fundamental II completo. Natural de São Paulo, SP. Não possui ocupação e tem como renda o tráfico e pequenos furtos. Solteira, vive sozinha, possui dois filhos. Tem contato esporádico com a mãe e com os filhos. A droga e conflito familiar a levaram a estar nessa condição há seis anos.

Mulher 9: 44 anos. Cor parda. Possui Ensino Fundamental I completo. Natural de Juiz de Fora, MG. Possui como ocupação a catação de material reciclável e, quando consegue, faz faxina. Sua renda advém basicamente do material reciclável. Além do albergue, utiliza o Centro Pop e Restaurante Popular. Convive com o companheiro há seis anos, possui um filho e não tem contato com a família e seu filho. Foi abusada sexualmente pelo irmão. O alcoolismo e o conflito familiar a levaram a estar nessa condição há dez anos.

Mulher 10: 22 anos. Cor parda. Estudou até o 7º ano do Ensino Fundamental II. Natural de Juiz de Fora, MG. Possui como ocupação a prostituição e sua renda advém desta atividade. É solteira e vive sozinha. Possui um filho que foi levado à adoção pelo Conselho Tutelar. Tem contato esporádico com a mãe. Desde os 13 anos, morou em orfanatos e abrigos e está em situação de rua há quatro anos.

3.6 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para análise das falas das mulheres pesquisadas, foram utilizados passos sugeridos por pesquisadores da fenomenologia social (Jesus et al., 2013).

Inicialmente, foram realizadas criteriosas leituras de cada depoimento na íntegra, a fim de possibilitar a apreensão do sentido global da experiência vivida pelas mulheres em situação de rua e que utilizam o albergue para pernoitar.

Em seguida, foram selecionados e sublinhados trechos de cada depoimento que continham aspectos significativos da vivência dessas mulheres e que respondiam às interrogações da pesquisadora e ao objetivo do estudo. Os trechos

sublinhados foram, então, reescritos e agrupados segundo a convergência de sentidos, o que possibilitou a composição de categorias concretas que congregam os “motivos porque” e “motivos para” da ação vivida.

A partir do conjunto de categorias, procedeu-se à análise compreensiva e à composição da tipologia da experiência vivida de mulheres em situação de rua que utilizam o albergue para pernoitar. A discussão dos resultados foi realizada a partir da fenomenologia social de Alfred Schütz e de literatura relacionada à temática.

3.7 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, sob o Parecer nº 952.239, de 09 de fevereiro de 2015 (Anexo).

Considerando a vulnerabilidade das participantes (população em situação de rua), a pesquisadora explicitou às mulheres a preservação dos direitos de liberdade, privacidade e confidencialidade (Zoboli e Fracoli, 2001).

Foi garantida a liberdade para participação ou não do estudo, assim como a utilização de um ambiente reservado onde a mulher daria o depoimento. As participantes foram esclarecidas sobre o objetivo da pesquisa, bem como sobre a manutenção do sigilo e a utilização dos depoimentos somente para fins acadêmicos e científicos, conforme previsto na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012b).

A pesquisadora procedeu à orientação de cada participante sobre o risco de passar por constrangimento ao responder às perguntas e informou que a pesquisa seria suspensa caso houvesse algum impedimento por parte da mulher (no caso de se recusar a continuar o depoimento) ou por parte da pesquisadora.

4 RESULTADOS

4 RESULTADOS

4.1 CATEGORIAS CONCRETAS DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

A compreensão da experiência de mulheres que vivem em situação de rua e utilizam o albergue para pernoitar foi expressa no conjunto de categorias “motivos porque” e “motivos para”. Os motivos porque estão expressos nas categorias: “conflitos familiares e a ida para a rua”; “enfrentamentos vivenciados no cotidiano da rua”, “suporte social para viver em situação de rua” e “manter-se na situação de rua”. A categoria “vontade de sair da situação de rua” congrega os motivos para.

Conflitos familiares e a ida para a rua

As brigas e o abuso de álcool pelo progenitor foram citados pelas mulheres como conflitos familiares que motivaram a ida para as ruas:

[...] eu meio que fui obrigada a sair de casa, porque eu não tinha condição psicológica para trabalhar e minha irmã que era responsável por pagar o aluguel da casa ficava me cobrando e jogando na minha cara, dizendo que eu não fazia nada. Até que um dia, eu estava em casa com a minha irmã mais nova e ela começou a me provocar, dizendo que eu não trabalhava, então parti para cima dela, e foi tanta confusão que deu polícia. Me colocaram para fora de casa, tive que sair às pressas, só com a roupa do corpo [...] **M2**.

[...] eu tinha muita rivalidade principalmente com a minha irmã mais velha. Eu não aceitava cobrança dela [...] eu pensava que era a minha mãe quem tinha que me chamar atenção e não a minha irmã, aí eu acabei indo para o caminho errado e comecei a usar drogas e fui afundando cada vez mais, principalmente por causa do crack. Aí acabei vindo para a rua, porque não queria que a minha mãe me visse daquele jeito **M6**.

[...] vou para casa do meu pai, aí ele bebe cachaça e toca eu e meu irmão de casa. Aí chego na minha mãe, ela fica nervosa e toca todo mundo de dentro de casa, aí eu volto para rua de novo **M1**.

Outra questão levantada por uma das entrevistadas foi o estupro vivido no contexto familiar:

[...] me lembro que, quando eu tinha seis anos de idade, o meu irmão mais velho me estuprou, então cresci com isso, com essa angústia e nunca falei para ninguém lá em casa, pois ficava com medo de criar confusão. Ficava com medo de alguém matar o meu irmão ou levar ele preso, minha mãe não ia aguentar a decepção, então guardei esse segredo. [...] quando fiquei

adolescente, conheci um rapaz e íamos nos casar, aí fiquei com medo do meu noivo descobrir que eu não era mais virgem e de saber o que meu irmão tinha feito comigo e tentar matar o meu irmão. [...] acabei terminando o noivado, e, dali em diante, minha vida desandou: comecei a beber, usar droga e vim parar na rua **M9**.

O uso de drogas, em especial o crack, mostrou-se um elemento determinante na desestruturação do convívio familiar, o que resultou na ida das mulheres para a rua:

[...] minha namorada usava muito crack, e eu comecei a usar também, de forma frenética, aí fui só me afundando, até que eu perdi meu serviço. As contas começaram a vencer, e eu não conseguia mais fazer as despesas de casa, porque só eu trabalhava, enquanto ela ficava o dia inteiro em casa, sem fazer nada; tive até que sair de onde a gente morava porque o aluguel era muito caro e fui parar no morro **M3**.

[...] a droga destrói a família inteira, e, como eu estava bebendo e usando muito crack, minha mãe mandou eu caçar rumo porque ela não estava aguentando mais me ver daquele jeito e ver meus filhos me vendo drogada. Aí ela falou que ficava com eles até eu procurar uma internação, arrumar um trabalho e uma casa para eu ter condição de criar eles **M4**.

[...] tem hora que é preferível ficar na rua do que aturar as coisas em casa. Igual quando eu estou dentro de casa, eu não aguento ver o meu padrasto usando droga na frente da minha mãe e das minhas filhas, ele não respeita ninguém, eu me revolto, aí, para eu não machucar ele, eu volto para a rua **M5**.

[...] eu saí de casa porque eu sou muito louca, uso muita droga e bebida, e tem seis meses que eu não ponho o pé em casa, e eu sempre tive uma convivência muito ruim com o meu irmão, eu nunca conversei com ele, nunca tive um diálogo com ele [...]. Ele tem 40 anos e nunca aceitou minhas loucuras, e tem o fato de eu ser filha adotiva, e ele nunca ter aceitado **M8**.

A intolerância da família em relação à homossexualidade de uma das participantes foi outro fator que estimulou seu rompimento com os familiares:

[...] Eu tive que sair da casa da minha mãe por causa da minha ex-namorada [...]. Ela não aceitava o meu relacionamento com ela, e, como eu trabalhava na época e ainda recebia um dinheiro que meu pai me dava como pensão, eu montei a minha própria casa para ir morar com a minha namorada **M3**.

[...] no morro, minha ex-namorada pegava as coisas, vendia e trocava na “boca do fumo” por “pedra”. Ela fez uma dívida de droga no meu nome, aí tive que abandonar a minha casa com o pouco de móvel que ainda restava [...]. Carreguei o básico como documento, algumas roupas e fotos do meu filho. [...] vim para a rua, aí o meu vício e o da minha namorada ficou descontrolado [...] terminei o relacionamento com ela [...] **M3**.

Uma das participantes referiu ter nascido em um contexto de situação de rua, sendo criada em abrigos para menores a maior parte de sua vida:

[...] minha mãe verdadeira me deu para uma mulher que me criou desde os seis meses. Quando a minha mãe adotiva morreu, eu tinha quase 12 anos, eu fui mandada para um abrigo, dali em diante, fui rodando por vários abrigos até parar na rua. Hoje eu tenho contato com a minha mãe verdadeira, e ela diz que teve que me dar para outra pessoa porque ela não tinha onde morar **M10**.

Enfrentamentos vivenciados no cotidiano da rua

A impossibilidade de higienização e repouso durante o dia foi apontada pelas mulheres que vivem em situação de rua:

Essa vida na rua é muito cansativa, aqui a gente tem que levantar muito cedo, eu fico com vontade de ficar mais um pouco na cama, mas não posso. Quero descansar, tomar outro banho durante o dia. Tenho que ficar o dia inteiro andando, fico com o corpo doendo e ficar sem ninguém para conversar é muito ruim **M1**.

[...] passo o dia inteiro sentada em frente do Centro Pop, esperando meu marido sair do trabalho, para a gente vir para o albergue tomarmos banho e jantar **M4**.

É cansativo, desgastante, tudo de ruim. É muito desconfortável, não é a mesma coisa que estar em casa, e eu sinto muita falta da minha mãe, mas agora eu estou conseguindo me controlar em relação ao uso de crack **M6**.

[...] o grande problema que eu vejo em ficar na rua é que a gente é mulher, menstrua e aí vem a questão da higiene, e, dependendo da cidade que você está, e se não tiver albergue, você fica semanas sem tomar banho, com roupa suja, porque não dá para ficar lavando **M7**.

[...] o ruim para a mulher são aqueles dias (menstruação) e se não der para tomar banho, é muito ruim **M9**.

De acordo com os depoimentos, estar exposta às condições climáticas torna a situação de rua ainda mais difícil:

Com a noite, tem o frio, você vira para um lado, tem frio; vira para outro e, às vezes, quando amanhece, a manta está toda molhada de sereno. E, se tiver ventando, não tem jeito, o frio vem que vem. O meu marido me ajuda muito, ele me protege **M4**.

[...] a vida na rua não é mole, tem o frio, a fome, tem muita violência, mas só que eu e meu marido, quando a gente não dorme aqui dentro do albergue por falta de vaga, a gente dorme com a nossa comarca [colchão e coberta doados pelo albergue] aqui na frente do albergue, pois é mais seguro **M9**.

A questão da vulnerabilidade à violência e o convívio com usuários de drogas foram enfatizados pelas participantes como um fator integrante do cenário da convivência em situação de rua:

Tem muita briga na rua, eles brigam muito e por qualquer coisa, especialmente por causa de droga. Todo dia é a mesma coisa, nunca muda [...] você vê as mesmas coisas, as mesmas pessoas, as mesmas tristezas. As pessoas sempre daquele jeito, drogadas, a gente olha para cara deles, a gente sente até pena, porque eu não uso, então eu sinto pena de quem usa drogas **M1**.

Depois que eu fiquei com o meu marido, eu fiquei muito boa de briga, acho que de tanto apanhar dele. Hoje eu encaro qualquer um, homem ou mulher, não tem para ninguém e todo mundo sabe disso **M3**.

Não é mole dormir na rua, e tem uns caras aí que são abusados na madrugada, vem querer pegar a gente a força, e eu não abaixo a cabeça para ninguém, então acaba saindo briga. Já briguei muito, até dentro do albergue, por isso que todo mundo me respeita. Quando eu estou com algum problema, eu mesma resolvo, não gosto de recorrer à polícia, eles metem o cacete na gente de graça **M5**.

[...] tenho medo principalmente da noite, porque a gente não sabe o que pode acontecer quando está dormindo, tem muita gente ruim, eu tenho medo de vândalos e dos outros moradores de rua também, porque tem uns que gostam de baderna, que roubam os pertences à noite **M6**.

[...] não tem jeito, a gente que é mulher, e principalmente na rua, a gente sofre assédio, principalmente porque a gente vive em uma sociedade machista, a diferença é que os homens que estão na rua são mais diretos, não ficam floreando, se a vontade que eles têm com você é de transar, eles falam na lata, aí você tem que se impor, dar um "X hora" nele para ele já se colocar no lugar dele **M7**.

[...] se o cara vem me encostando, querendo se impor, eu fico com muito ódio, eu enfrento mesmo, e todo mundo sabe que não pode se meter a besta comigo **M8**.

[...] já tentaram me violentar na rua, mas eu não dou mole não, então nunca conseguiram, porque, se eu tiver com razão, ninguém me segura, sou muito brava **M9**.

Outras participantes acrescentam aos problemas vivenciados no cotidiano da rua o uso da prostituição para sobrevivência:

[...] estou acostumada a andar sempre com um senhor que gosta de mim e me dá dinheiro para eu comprar as minhas coisas, porque eu não sou como essas mulheres que ficam sujas na rua, eu gosto de andar arrumada e limpa **M1**.

[...] quando a gente está na rua, o frio castiga, [...] hoje, por exemplo, está muito frio e estou praticamente pelada, pois tenho que mostrar meu corpo, se não, não consigo fazer programa. [...] tem hora, que eu sinto nojo de mim mesma em ser prostituta, bate uma depressão, mas depois passa, pois

esse é o jeito que eu achei para ganhar dinheiro na rua **M10**.

Algumas mulheres referem-se ao estado de solidão e sentimento de culpa por estarem longe dos filhos e familiares:

Quando eu passo por problemas, eu nem sei de onde eu tiro força, é só Deus para mim ajudar, porque nem todo mundo que me vê sabe o que eu já passei, e, tem dia, que eu me sinto muito sozinha, principalmente depois que meu marido ficou internado por causa das pancadas, porque mal ou bem, mesmo que a gente brigasse, ele é meu marido, ele é a pessoa que eu amo **M3**.

[...] ficar nessa condição de rua está me sufocando, quando venho dormir no albergue e deito na cama, eu quase morro de pensar que os meus filhos podem não estar em casa, podem estar na rua, eu não sei se eles estão sentindo frio. Acho que é por isso que eu prefiro ficar na rua passando frio, pois é uma forma de eu me penalizar, sofrendo também **M4**.

[...] tem dias que eu paro para pensar e fico observando o que os meus colegas de rua passam, o que eu passo. A vida na rua é cansativa, estressante e decepcionante, e eu tenho saudade da minha família e dos meus filhos, eu tenho coração e não quero falar sobre isso não (Choro) **M8**.

Suporte social para viver em situação de rua

O Albergue emerge na fala das mulheres como o principal suporte para suprir as necessidades básicas como alimentação, higiene e sono:

O pessoal aqui no albergue é muito gente boa, eles me tratam muito bem. Quarta-feira, cheguei tarde, aí não tinha mais colchão para dormir, não tinha mais vaga. Aí o “fulano” [monitor do albergue] disse: eu vou arrumar um colchão para você dormir, porque você não está acostumada a dormir na rua. Eu nunca passei a noite na rua **M1**.

[...] quando eu cheguei na rua, se não fosse o albergue, eu nem sei o que seria de mim. Hoje, para mim, o albergue é assim, um lugar bom para descansar, para você chegar, ficar quieta no seu canto e dormir, além do banho e a comida. Tem também os monitores que te tratam com respeito, conversam com a gente **M2**.

[...] quando eu estou a fim de descansar, eu venho para o albergue. Aqui você dorme, toma banho e janta. Aqui eu sei que eu estou sendo preservada. Porque a verdade é essa, quando você está na rua, você pode até dormir, mas você não descansa, é tenso, porque o corpo pode até estar dormindo, mas você tem que ficar focada, ligada **M3**.

O albergue significa banho e janta, eu não gosto de dormir aqui não, prefiro dormir perto do meu carrinho **M5**.

O albergue é um apoio, é um recurso que eu tenho para comer, tomar banho e dormir **M6**.

[...] o espaço do albergue é muito importante não só para mim [...] tem a

galera que está na rua por causa de droga, da família ou porque quer, e, independente de qual seja o motivo, é desumano deixar qualquer pessoa dormir na rua, porque a gente só precisa de um espaço fechado para ficar aquecido com um cobertor, não precisa de muita coisa, entendeu? Acho o albergue essencial **M7**.

[...] o albergue serve de abrigo sim, principalmente para quem vem de outra cidade, comer, tomar banho, dormir **M8**.

[...] para mim, o albergue é bom, tem cama, tem banho quente e alimentação. Se não tivesse o albergue, muita gente iria passar muita dificuldade e noites de frio na rua **M9**.

Nossa! O albergue ajuda para caramba. Às vezes, estou com frio e fome, então venho para cá para dormir, tomar banho e comer **M10**.

Uma das mulheres ressaltou o caráter assistencialista do albergue, que contribuiu para a manutenção da permanência das pessoas na rua:

Isso aqui é lugar de tomar banho, jantar e sair. É bom, mas ao mesmo tempo é ruim, porque muita gente encosta, porque tem lugar de dormir, tem lugar de comer, e ficar nessa vida... eles vão querer sair da rua para quê, se têm tudo aqui? **M4**.

Algumas participantes revelaram que o albergue nem sempre atende à demanda de pessoas que necessitam de apoio, devido à rigidez das normas de utilização, assim como não impede as ações violentas entre as mulheres, já que as mesmas não são monitoradas quanto ao uso de armas e drogas:

[...] já dormi muito na rua por causa da burocracia de horário do albergue, porque meu trabalho é dedicado ao malabarismo no trânsito para conseguir algum dinheiro e, às vezes, não dá tempo de chegar no albergue na hora da entrada **M7**.

O problema do albergue é que você não sabe quem está dormindo do seu lado, pode ser perigoso, principalmente se alguma mulher cismar com a sua cara, ela pode vim para cima de você à noite e fazer alguma maldade **M2**.

[...] se eu brigar com alguma mulher lá na rua e eu ver que ela vai dormir aqui, eu rapo fora, não fico não, porque eu sei que ela pode me pegar à noite. Já entrei com faca várias vezes para o meu marido e ninguém nunca pegou. Entro com droga, eu poderia entrar com uma faca ou com uma arma, porque aqui não tem revista na gente como acontece com os homens **M3**.

[...] quando você arruma confusão com alguém e se você não tiver proteção, e a pessoa que te ameaçou perceber que você está sozinha, aí sim é perigoso, tanto dormindo no albergue como dormindo na rua. Outro dia tive que dormir na rua com um colega, porque entrei para o albergue e vi que a mulher que me bateu também estava lá para dormir, fiquei com medo e saí **M2**.

As participantes referem também a ajuda de estranhos que se compadecem de suas necessidades básicas não atendidas, assim como da ajuda dos pares, em situação de rua:

Eu recebo ajuda das pessoas na rua, mas eu não fico pedindo nada, sempre tem alguém que ajuda. Igual ontem, um senhor comprou um chinelo para mim porque o meu pé estava sangrando por causa da sandália que eu estava no pé **M1**.

[...] sempre quando está muito frio, tem sempre um abençoado para passar e levar agasalho e roupa para gente que está na rua. [...] tem sempre alguém da rua que traz a comida deles e me dão **M8**.

[...] graças a Deus, as pessoas me consideram muito, tem um pessoal de uma oficina aí que sempre me dá material de ferro que pesa bastante, eu ganho muita coisa, roupa, dinheiro, quem me conhece sabe que eu sou honesta **M9**.

[...] como todo mundo está na mesma situação, acaba que muitos se apegam uns aos outros e, quando eu tenho algum problema, sempre tem um para me ajudar. E, quando a coisa fica séria, aí tem que recorrer à polícia, mas nem sempre resolve, a polícia faz vista grossa **M2**.

[...] as pessoas na rua são muito humildes, te ajudam e não querem saber se você é filha de fulano ou sicrano, te ajudam pelo simples fato de querer ajudar, todo mundo é unido, é uma família, se protegem e acho isso bonito **M7**.

De acordo com os depoimentos, mesmo não tendo contato com os familiares, as mulheres recebem ajuda dos mesmos:

Eu tenho irmãos que moram aqui na cidade. Quando eu passei mal, uma irmã minha, que mora no bairro São Pedro, me deu a maior força. Geralmente, quando eu estou com muita fome, eu vou para a casa dela, almoço, tomo um banho, só não durmo, porque a casa dela é muito pequenininha **M1**.

[...] quando eu fico mais debilitada de tanto usar droga, eu recorro a minha mãe, e, para ter dinheiro para comer, ou comprar pedra, eu peço na rua e reciclo material também. Eu saí da prisão há duas semanas, fiquei nove meses presa, e era a minha mãe quem me visitava na prisão, ela sempre me ajuda, e meus quatro filhos estão com ela **M5**.

[...] a minha mãe conseguiu aluguel social e saiu da rua, então revezo em ficar na casa dela para dormir, e fico também aqui no albergue **M10**.

E, se eu tenho algum problema, não peço nada a ninguém, o meu marido é que me ajuda, ele cuida de mim e eu cuido dele **M6**.

As mulheres referem contar com ajuda de instituições religiosas e organizações não governamentais para sobreviverem na situação de rua:

Eu preciso comer, me vestir, e as igrejas Universal e Batista fornecem isso tudo, então eu vou para lá, assisto o culto e depois eles doam as coisas para gente. Então eu prefiro contar com esta ajuda já que não tenho condições de arrumar um trabalho, e eu não tenho uma faculdade, um curso superior, assim fica mais difícil **M2**.

[...] eu recebo o Bolsa Família, mas, na condição em que o meu marido se encontra [internado no Ana Nery], R\$160,00 não dá para nada **M3**.

[...] os Pequeninos (instituição beneficente) é ótimo lugar, o Centro Pop também é ótimo porque é lá que a gente pega o tíquete para poder almoçar no Restaurante Popular e que tem uma comida ótima, isso ajuda muito a gente que está nessa condição **M4**.

A gente vai acostumando com os horários que as instituições doam as coisas para gente. Um doa alimento, outro doa roupa e calçado, no outro, para quem não gosta de ficar direto na rua, tem lugar para passar a manhã assistindo televisão. Prefiro ir para esses lugares a ficar na rua, pois ainda não conheço bem a cidade, só tem quatro anos que moro na cidade **M2**.

Manter-se em situação de rua

O uso de drogas envolve a mulher no mundo do tráfico, facilitando a aquisição de renda por meios ilícitos para suprir o vício e para obtenção de insumos necessários à sua sobrevivência. Isso contribui para sua permanência nas ruas:

[...] tenho que traficar, pois eu gosto de coisa boa, gosto de comer coisa boa e levar coisa boa no dia da visita dele no hospital, e só o tráfico pode me dar isso **M3**.

[...] já trafiquei na época em que eu estava grávida do meu menino [...] eu morava no morro, dentro de um fumódromo. [...] comecei a usar maconha de novo, porque eu fico mais relaxada, mas eu uso muito álcool também e é por isso que não quero ir em casa ver meus filhos, tenho vergonha, não quero que eles me vejam assim **M8**.

Hoje eu trafico pedra, consigo tirar uma renda boa para que eu possa comprar as minhas coisas de uso pessoal, e coisas para levar para o meu marido comer [...]. [...] fumo muita pedra, cerca de 30 por dia, já não me dá mais onda. Outro dia fumei 80 pedras, achei que ia morrer, fico com muita paranoia, achando que a polícia vai me pegar. Mesmo eu sendo viciada, eu não fico enrolada em vender pedra, sei separar muito bem, e o meu patrão valoriza isso **M3**.

Outras entrevistadas mencionam a prostituição como meio de gerar renda, o que as mantém na condição de rua:

[...] prostituir é o que eu sei fazer, já acostumei com esse dinheiro, acho que por isso nunca vou sair dessa vida. [...] faço programa com velho, com novo, menos com o pessoal que fica na rua, porque eu tenho nojo **M10**.

[...] quando eu estava com o meu ex-marido, que também fica na rua, eu não precisava andar com ninguém porque ele comprava as coisas para mim, mas, como estou sozinha e não consigo arrumar emprego, então tenho que prostituir **M1**.

A liberdade para fazer o que quer sem interferência da família foi mencionada pelas mulheres como uma condição que as estimula a permanecerem na rua:

[...] aqui na rua, eu não tenho que dar satisfação da minha vida para ninguém, agora é que eu estou aprendendo a viver de verdade **M2**.

Quando eu estou na rua, eu não tenho que dar satisfação para ninguém, eu uso a minha droga sem ninguém me encher o saco **M5**.

[...] eu falei com a minha família, que, se eu ficasse dentro de casa, eu ia surtar, tudo me fazia mal, as paredes me faziam, a rotina me fazia mal, eu estava viciada em jogar pela internet, e, na rua, não tem nada disso, primeiro que não tem a rotina para me sufocar e segundo que eu faço o que me dá na telha e estou sempre conhecendo um monte de gente diferente e lugares diferentes **M7**.

Vontade de sair da situação de rua

Conseguir um trabalho remunerado e uma moradia são projetos idealizados pela mulher em situação de rua, com vistas a sair dessa condição:

[...] quero trabalhar, quero sair dessa vida. Eu tenho vontade de morar sozinha de novo, ter minhas coisas, porque eu já trabalhei para os outros. Eu penso em trabalhar para ter um futuro na vida, porque isso aqui não é futuro não [...] **M1**.

Eu fico fazendo planos... agora tem o aluguel social que você pode entrar nesse programa com mais uma pessoa. Quero fazer um curso, participar da igreja, ter uma casa. [...] eu quero mudar essa situação de viver sem documentos. Daqui uns dias, minha certidão de nascimento chega, então vou poder tirar os outros documentos, e então posso tentar um trabalho. [...] sei que tenho que fazer isso rápido, porque a gente vai se acostumando com a essa situação **M2**.

Os depoimentos das participantes revelam o desejo de se livrar do vício que as priva do convívio familiar, da busca pelo trabalho e de maior qualidade de vida:

Quero caçar uma internação para me livrar do crack, arrumar uma casinha e buscar os meus filhos para morar comigo. Eu estava no fundo do poço, mas a cada dia eu estou subindo mais. É isso que eu quero e é isso que eu vou conseguir **M4**.

Eu quero viver com dignidade e quero para os meus filhos o que eu não fiz. Dar muito amor, coisa que eu não dei por causa da droga, colocar eles para

escola, porque eles estão largados [...]. Quando eu chego no fim de semana, eu vou vê-los, o meu coração dói demais, porque fico com medo de saber qualquer notícia ruim, ainda mais que eu sei que eu causei tudo isso, eu não estou tendo sossego por isso **M4**.

[...] estou parando o crack, já diminui bem o uso dele e eu sei que eu posso fazer alguma coisa por mim, porque eu estou vendo que ele não está trazendo benefício nenhum para mim, eu só fui afundando. Quero ficar firme na decisão de sair do crack e tentar arrumar um trabalho depois que a minha mãe melhorar de saúde, porque, por enquanto, eu estou indo algumas vezes para lá ficar com ela. [...] fui ver que eu quero outra vida para mim desde o dia em que eu fiquei aqui na frente do albergue, esperando ele abrir e estava muito frio, eu estava com fome, aí eu pensei, eu não preciso disso, eu tenho a casa da minha mãe que eu posso ficar **E6**.

[...] eu quero parar o vício, ser mais ajuizada para que meus filhos se orgulhem de mim, mas também sei que isso está longe de acontecer porque eu não faço nada para mudar a minha condição **M8**.

Ah eu penso em parar de beber, sair da rua, estou correndo atrás para arrumar meus documentos, pois eu tenho um dinheiro para receber, aí quero me inscrever para tentar ganhar o Bolsa Família, a Minha Casa Minha Vida [...]. [...] às vezes, penso em ir morar na roça e apagar o meu passado. Porque eu não consigo arrumar um serviço de carteira assinada [...] **M9**.

A seguir apresenta-se o tipo vivido “Mulher em situação de rua que utiliza o albergue para pernoitar”.

5 TIPOLOGIA VIVIDA

5 TIPOLOGIA VIVIDA

A compreensão da experiência vivenciada pela “mulher em situação de rua que utiliza o albergue para pernoitar” apresenta-se como uma estrutura objetiva de sentido sobre sua existência concreta. Esta é constituída de elementos que formam seu acervo de conhecimentos, que influenciam sua situação biográfica e caracterizam este grupo social.

Trata-se de uma organização teórica composta por categorias consideradas concretas por expressarem o fenômeno estudado a partir da vivência no senso comum. Estas envolvem a reflexão das pessoas no mundo vida (construto de primeiro nível) e também a reflexão do pesquisador (construto de segundo nível) (Schütz, 2009).

Desse modo, o significado subjetivo da ação pesquisada neste estudo refere-se à maneira como a mulher se coloca como protagonista de sua experiência nas ruas e expressa os “motivos porque” e “motivos para”.

Para obter a tipologia da experiência da mulher em situação de rua que utiliza o albergue para pernoitar, utilizaram-se princípios da abordagem científica, para garantir a validade do esquema construído (postulado da consciência lógica) e também o postulado da interpretação subjetiva, que mostra a significação da ação e a congruência entre os construtos de primeiro e de segundo nível (Schütz, 2009).

Tipo vivido mulher em situação de rua que utiliza o albergue para pernoitar

A mulher que vive em situação de rua e utiliza o albergue para pernoitar traz em sua experiência os conflitos familiares que se mostram propulsores para a sua condição. Enfrenta como dificuldades do dia a dia nas ruas a falta de infraestrutura para higiene e descanso, vulnerabilidade para o uso de drogas, convívio com situações de violência, prostituição, sentimento de culpa e solidão. Aponta o albergue como principal suporte para suprir suas necessidades básicas de alimentação, higiene e repouso. Além disso, procura ajuda de estranhos e familiares, assim como de instituições beneficentes e outros equipamentos governamentais e

não governamentais. Espera sair das ruas, conseguir um emprego, livrar-se das drogas, da prostituição e resgatar a família, contudo se mantém na situação de rua por falta de trabalho remunerado, facilidade de ganho financeiro no tráfico de drogas e na prostituição, além da liberdade que a vida nas ruas lhe proporciona.

6 DISCUSSÃO

6 DISCUSSÃO

O presente estudo revelou o tipo vivido de mulheres em situação de rua que buscam o albergue para pernoitar. O tipo não corresponde a nenhuma pessoa em especial e sim expressa a idealização das características típicas da ação humana. Trata-se de uma representação invariante da ação da pessoa ou grupo que a torna homogênea, abstendo-se das características individuais (Schütz, 2009).

O que se revelou como típico da experiência do grupo social estudado foram as situações vividas que foram recorrentes, considerando o contexto em que as mulheres se encontram. Evidenciou-se como típico que a mulher busca a rua em virtude, sobretudo, de conflitos familiares. A vulnerabilidade vivenciada sob diversos aspectos a conduz a procurar apoio para enfrentar o cotidiano na rua, sendo o albergue considerado o lugar que evidencia um maior suporte para atender às suas necessidades humanas básicas para uma vida mais digna.

A motivação para viver nas ruas se deu como desdobramento de situações conflituosas vivenciadas no âmbito familiar. Os conflitos intraparentais – que, em um dado momento, levaram à desagregação familiar – foram propulsores para que as mulheres buscassem a rua. Falta de afeto, intolerância, negligência, irresponsabilidade, abuso sexual e de drogas, violência praticada pelos próprios progenitores, ou quando houve envolvimento das participantes com entorpecentes (principalmente o crack), tornaram impraticável a convivência harmoniosa com os familiares.

Assim como evidenciado na presente pesquisa, estudo realizado na região Centro-Oeste dos Estados Unidos também apontou o conflito familiar como uma das causas mencionadas pelas mulheres para a sua condição de viver nas ruas e a busca de suporte por meio de abrigo para pernoitar (Brown e Mueller, 2014).

Um dos fatores mencionados pelas participantes como impulsionador da violência no âmbito familiar foi o abuso de bebidas alcoólicas pelos familiares. Sabe-se que o uso desta substância ainda é um dos grandes vilões enfrentados pela saúde pública, responsável não só por deteriorar a saúde mental e física da pessoa, como também o alicerce familiar. E, quando esse problema está associado a um dos progenitores, tal ação parece aumentar as chances para a desagregação da família.

Pesquisa realizada no Canadá, com 51 pessoas em situação de rua, evidenciou que a experiência traumática do abuso de álcool pelos progenitores se mostrou associada à condição de estar na rua para a maioria dos participantes. Naquele inquérito, 43% das pessoas relataram que pelo menos um dos pais era alcoólatra. Dentre esses, 72,5% tinham o pai alcoólatra e 33% a mãe. Quanto à violência, 66,67% declararam ter experimentado um trauma relacionado à violência praticada por um dos pais antes dos 16 anos de idade (Lalonde e Nadeau, 2012).

Também a exposição à violência intraparental aparece como uma tônica que perpassa a história de vida das pessoas que se encontram em situação de rua. Estudo realizado na Califórnia, EUA, com 386 jovens em situação de rua, constatou que 44% passaram por abuso físico – infligido por um membro da família quando a vítima era ainda criança – e 39% presenciaram violência entre membros da família. Mais de um quarto dos participantes sofreu alguma forma de abuso sexual na infância, sendo as mulheres as mais expostas a este tipo de violência (Petering et al., 2014).

Na presente investigação, emergiu no depoimento de uma das mulheres a experiência com o estupro cometido por um membro da família. Tal achado foi constatado por uma pesquisa realizada no Reino Unido, com 55 mulheres que viviam nas ruas, e revelou que 41,8% delas haviam sofrido abuso sexual na infância e adolescência e que, deste número, 7,27% foram violentadas por um tutor ou membro da família (Huey, Hryniewicz, Fthenos, 2014).

O que se evidencia, portanto, é que, ao vivenciarem situações de risco no contexto familiar – seja em virtude de alcoolismo, violência ou uso de drogas –, as mulheres do presente estudo optam pela rua como cenário de moradia. Isso retrata uma realidade preocupante, que diz respeito à sobreposição de vulnerabilidades que acompanha a trajetória destas pessoas, tanto anteriormente quanto a partir do momento em que passam a habitar nas ruas.

Uma das situações que predizem maior vulnerabilidade e tropismo as pessoas para as ruas evidenciada nesta investigação se refere ao uso de drogas. Este desencadeia conflitos que as famílias não conseguem manejar e acaba por determinar um contexto de convivência insustentável entre os seus membros. A literatura nacional e internacional traz esta realidade, ao apontar que o envolvimento com drogas, especialmente o crack, figura como um elemento importante na ida de pessoas para a rua (Brown e Mueller, 2014; Riley et al., 2015; Santos, 2013).

No tocante às mulheres, grupo social do presente estudo, esta situação também mostra-se preponderante. Pesquisa realizada nos Estados Unidos, com 69 mulheres em situação de rua, mostrou que 34,8% delas, ao serem questionadas sobre os motivos que as levaram para as ruas, responsabilizaram o uso de drogas por sua condição (Brown e Mueller, 2014). Coadunando com esta evidência, uma investigação realizada em São Francisco, EUA, apontou que, das 260 mulheres que compuseram o estudo, 54,5% utilizavam alguma substância química ilícita, sendo que, destas, 46,9% tinham predileção pelo uso do crack (Riley et al., 2015).

No Brasil, uma pesquisa realizada na cidade de Recife, com 400 usuários de drogas, mostrou que quase a totalidade consumia crack (96%). Entre os participantes, 22% estavam em situação de moradores de rua, o que reafirma o constante envolvimento desse grupo populacional com as drogas (Santos, 2013).

Outra questão que merece destaque no que tange aos conflitos familiares e que, de certo modo, alojou uma das participantes da pesquisa na situação de rua foi a intolerância advinda da família em relação a sua opção sexual. No inquérito qualitativo realizado na cidade de Atlanta, EUA, com 21 mulheres em situação de rua, uma delas também destacou que sua orientação homossexual revelada para mãe a colocou fora de casa (Lewinson, Thomas, White, 2014).

Em Nova York, EUA, uma investigação com 156 jovens homo e bissexuais que viviam em situação de rua ratificou a intolerância da família em relação à orientação sexual desses jovens. Foi revelado que 36,5% deles fugiram e 24,3% foram expulsos de casa por questões de violência relacionada a não aceitação por parte dos familiares quanto à orientação sexual. Salienta-se que 49% dos participantes eram do sexo feminino (Rosario, Schrimshaw, Hunter, 2012).

Uma outra questão evidenciada no presente estudo diz respeito ao relato de uma das participantes que nasceu em situação de rua. Sua trajetória, marcada por ruptura de vínculo com a mãe biológica e com a adotiva, inclusão no mundo dos abrigos e retorno à rua, remete a um ciclo de vida marcado por vulnerabilidades no campo social e afetivo. O nascimento na rua, seguido da perda de referência familiar e de um lar para morar reflete o cotidiano que vivencia no momento, em que se encontra em situação de rua.

Esta situação não se mostra incomum na literatura. Estudo realizado em Ottawa, Canadá, com 18 jovens em situação de rua, apontou que a maior parte deles habitavam as ruas devido a seus pais viverem na mesma situação. Além

disso, todos os participantes tiveram experiências em abrigos para menores (MacDonald, 2014).

O mundo da vida é um universo de significação a ser interpretado continuamente pelo ser humano, por onde se orientará e será conduzido durante a sua existência. Esta significação se dá por meio das relações que o homem estabelece neste e com este mundo, o que o impele um modo de agir no cenário onde vive e que já se encontrava estruturado, antes mesmo do seu nascimento. A partir do momento em que nele habita, o homem se torna um ser de relações e terá a oportunidade de mudar as estruturas deste mundo, transformando-se igualmente neste processo (Schütz, 2009).

A intersubjetividade, inerente às relações que o ser humano estabelece com o outro, pressupõe que o universo de significações inscritas no mundo da vida tem como cerne o encontro do homem com o seu semelhante. Este encontro permite aos homens experimentarem o processo mútuo de se compreenderem e serem compreendidos no mundo em que habitam e de interpretar e agirem intencionalmente neste cenário, saindo de uma atitude natural de correspondência ao que lhes fora apresentado como realidade social. Este agir do homem no mundo relaciona-se ao acervo de conhecimentos de que dispõe e à sua situação biográfica no mundo da vida (Schütz, 2009).

Os conflitos familiares supracitados na presente investigação fazem parte do acervo de conhecimentos disponíveis à mulher que se encontra na situação biográfica de viver na rua, a qual optou por isso como uma saída possível para distanciar-se das adversidades vivenciadas no âmbito familiar. A busca pela rua rompeu uma realidade social anteriormente posta, expressa por uma estrutura familiar, em que as relações intersubjetivas – marcadas por conflitos – fizeram as participantes optarem intencionalmente por habitar nas ruas.

Ao trazer à tona sua experiência de viver em situação de rua, a mulher revela condições adversas que precisa enfrentar neste contexto, marcado por riscos e vulnerabilidades que se expressam cotidianamente na situação biográfica em que se encontra. Esta foi outra característica típica da experiência dessas mulheres. As participantes apontam a falta de estrutura da rua para atender às necessidades humanas básicas que elas apresentam, com destaque para as peculiaridades inscritas no universo feminino.

Estudo realizado em São Francisco, EUA, também destacou esta questão, ao

revelar que aproximadamente metade das mulheres em situação de rua estudadas não tinham suas necessidades de higiene, alimentação e repouso atendidas, sendo que 46% delas dormiam em abrigos (Riley et al., 2015).

Na cidade de Toronto, Canadá, um estudo semelhante revelou que algumas mulheres reportaram a exposição a condições climáticas desfavoráveis e à falta de alimentação nas ruas. A maioria das participantes associou suas condições precárias de saúde à exposição ao frio intenso e constante das noites dormidas na rua e à alimentação pobre em nutrientes, ou mesmo à falta dela, além da manutenção de um padrão de sono irregular devido ao desconforto por dormir nas ruas (Waldbrook, 2013).

No ambiente da rua, a mulher refere situações de violência entre os pares e com outras pessoas, por disputa de espaço e convívio com as drogas. Esta questão é descrita na literatura nacional e internacional (Rosa e Bretas, 2015; Dourado et al., 2013; MacDonald, 2014).

A pesquisa realizada em São Paulo, Brasil, com mulheres em situação de rua revelou que estas, especialmente as que pernoitam na rua, sofreram violência física praticada por pessoas ou grupos intolerantes com a situação de pobreza vivida por elas. Também foi apontada a violência, de cunho higienista, praticada por policiais, indivíduos contratados por comerciantes ou moradores que se sentiam prejudicados pela presença das pessoas em situação de rua nos arredores dos domicílios, comércio, monumentos e cartões postais da cidade (Rosa e Bretas, 2015).

Outra forma de violência apontada pelas participantes, no universo da rua, foi a sexual. Um levantamento realizado pela *United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women*, em 39 países, mostrou que as estimativas de prevalência de violência sexual em mulheres variaram entre 0,3% e 39%, sendo esta impetrada pelo parceiro íntimo ou por desconhecidos, em algum momento de suas vidas (UN Women, 2011).

A vulnerabilidade da mulher em relação à violência sexual é maior quando esta se encontra em situação de rua, sendo as consequências deste agravo igualmente preocupantes no que diz respeito aos prejuízos causados à saúde e à qualidade de vida. A violência sexual foi relatada com frequência por participantes de um estudo realizado na capital paulista, com mulheres em situação de rua. Este apontou que a violência sexual foi praticada quase sempre por homens, moradores de rua ou não, com potencial de causar danos físicos e mentais irreparáveis às

mulheres (Rosa e Bretas, 2015).

O estudo realizado em Ottawa, Canadá, revelou o medo de ser estuprada como o mais apontado por mulheres durante os primeiros meses da experiência de viver nas ruas. Estas revelaram desenvolver estratégias de autoproteção para a convivência com os pares e outras pessoas estranhas. Entre as estratégias adotadas, foram incluídas: dormir em grupo quando estão ao ar livre e portar armas. Entre os maiores riscos enfrentados, destacou-se o fato de ser mulher e jovem (MacDonald, 2014).

A pesquisa de Rosa e Bretas (2015) salientou que a violência no ambiente da rua ocorreu principalmente entre as próprias pessoas que se encontravam nesta condição, devido às dívidas com traficantes, disputas por espaço, pequenos furtos, infidelidade conjugal e desavenças pessoais. Nesta situação, potencializam-se as situações de violência, uma vez que estas ocorrem entre os próprios usuários da droga, entre os usuários e os traficantes, e entre os usuários e policiais.

Uma revisão integrativa da literatura mostrou que o uso de substâncias psicoativas, a violência e a prostituição são fenômenos que se retroalimentam. O uso de substâncias psicoativas é considerado fator fundamental para a manifestação da violência e, conseqüentemente, de outros problemas biopsicossociais, como, por exemplo, as doenças sexualmente transmissíveis. Na atividade de prostituição, o uso de drogas sofre interferências de fatores, como o incentivo por parte dos clientes, traficantes e proprietários dos prostíbulos (Dourado et al., 2013).

No presente estudo, duas das participantes assumiram praticar a prostituição como meio de subsistência, embora façam menção a sentimentos de rejeição a esta condição. A falta de infraestrutura relacionada a moradia, emprego e estabilidade afetivo-sexual pode levar a mulher em situação de rua a buscar alternativas e estratégias para obter renda, entre elas a prostituição.

Uma investigação realizada com a população de rua de Manguinhos, Rio de Janeiro, ressaltou que a prostituição foi evidenciada na rotina de vida dos entrevistados. O uso do corpo, seja por dinheiro, seja pela pedra do crack, é algo corriqueiro e surge tanto por parte das mulheres quanto dos homens. No grupo de mulheres, a prostituição foi considerada uma atividade informal (Vernaglia, Vieira, Cruz, 2015).

Em Portugal, cidade do Porto, uma pesquisa trouxe as diversidades e regularidades das experiências de vida na prostituição. Salientou-se que todas as

depoentes partilhavam do desejo de ganhar dinheiro, de forma mais rápida e em maior quantidade. Também o fato de prostituírem-se esteve ligado ao nível socioeconômico desfavorável, com infância pobre. A antecipação de que poderiam ter uma boa situação financeira com o sexo lhes foi, frequentemente, sugerida por conhecidas que vivenciavam a mesma experiência, o que contribuiu para a decisão de se prostituírem (Oliveira, 2013).

Por outro lado, em consonância com os resultados do presente estudo, o arrependimento e a vergonha por se prostituírem também foram evidenciados por uma pesquisa realizada nos EUA, nas cidades de Los Angeles e Califórnia, com mulheres em situação de rua (Warf, 2013).

O estado de solidão e o sentimento de culpa por estarem longe dos filhos e da família foram relatados por algumas mulheres. Durante o depoimento, emocionaram-se ao se referirem à impossibilidade de estar perto de seus filhos, seja por imposição da família, seja por escolha própria. Esse resultado também foi encontrado em uma investigação com mulheres usuárias de um abrigo na Flórida, EUA. Seus achados revelaram que a separação delas de seus filhos gerou sofrimento. Elas alegaram que não queriam que a situação chegasse a ponto de seus filhos serem afastados de seu convívio. As mulheres revelaram amor por seus filhos e o desejo de restabelecer o relacionamento mãe e filho, embora todas reconhecessem que, na condição em que se encontravam, isso seria impossível (Dotson, 2011).

Estar em situação de rua remete refletir acerca do mundo da vida. Este se constitui como a esfera de todas as experiências, orientações e ações cotidianas, mediante as quais o homem busca realizar seus interesses e objetivos a partir da interação com seus semelhantes (Schütz, 2012).

A experiência de viver nas ruas é marcada pela necessidade de enfrentamentos contínuos, que levam a mulher a sobreviver em um contexto envolto a riscos potenciais. O grupo social estudado, ao revelar suas formas de enfrentar a realidade da rua, assume a postura de intervir intencionalmente na realidade social que está inserido, isto é, a rua. Assim, distante das condições básicas para viver com segurança, conforto e qualidade de vida, as mulheres buscam alterar a realidade que vivem de algum modo – prostituindo-se, traficando etc. –, transformando-se continuamente a partir de sua maneira de agir no mundo da vida.

Uma das maneiras em que este agir se expressa situa a mulher em busca de

apoio, para vivenciar o desafio que a realidade da rua lhe impõe. A troca de ajuda mútua entre pares, bem como de pessoas estranhas, família e instituições beneficentes, organizações governamentais e não governamentais, revelou-se como outra característica típica da ação das mulheres em situação de rua que utilizam o albergue para pernoitar.

Inquérito qualitativo, realizado na cidade de Vitória, Brasil, com pessoas em situação de rua, constatou gestos de solidariedade e regras estabelecidas entre os habitantes que vivem nas ruas. O estudo revelou comportamentos típicos entre esse contingente populacional, como compartilhar alimentos, roupas, drogas e trocas de informações que possam trazer benefício comum (Kunz, Heckert, Carvalho, 2014).

Essa apuração também se fez em outra pesquisa realizada em Melbourne, Austrália, envolvendo dois serviços que abrigam moradores em situação de rua. Este estudo apontou que, entre os 65 usuários do abrigo que participaram do estudo, alguns relataram que, ao se tornarem moradores de rua, rapidamente se viram envolvidos em uma rede de pessoas com circunstâncias semelhantes, compartilhando as mesmas necessidades. Outros participantes citaram um senso de camaradagem entre si, mesmo em um ambiente permeado de violência como o da rua (Chamberlain e Johnson, 2011).

Neste contexto, percebe-se que a vida nas ruas também expressa a tessitura de relações de solidariedade e confiança entre aqueles que vivenciam a mesma situação. A interação produzida no cotidiano da rua, por meio do vínculo entre aqueles que nela habitam, forma uma comunidade que se apoia e que se compreende mutuamente, diante das experiências semelhantes vivenciadas.

Isso remete à potência de significados que se constitui na intersubjetividade das relações, em especial se perpassada pela reciprocidade de perspectivas diante de um mesmo fenômeno: habitar nas ruas. As perspectivas recíprocas permitem o acesso ao conhecimento social essencialmente tipificado. Sua compreensão pauta-se no pressuposto de que se elegem e se interpretam objetos reais ou potencialmente comuns de maneira idêntica para fins práticos. Assim, em uma dada situação, os aspectos conhecidos por mim e pelo outro são do conhecimento de todos (Schutz, 2009).

No que tange à necessidade de convívio com algum membro da família, uma pesquisa realizada em São Paulo, com 251 sujeitos em situação de rua, sendo 31,7% mulheres, constatou que 11,2% dos participantes buscavam apoio de um

familiar quando necessitavam de ajuda (Barata et al., 2015).

Outro fator que foi predominante no presente estudo, e que ainda diz respeito à ajuda de familiares, foi a representação conferida à figura materna como sendo o familiar que mais oferece apoio quando estas mulheres necessitam.

Uma pesquisa de cunho qualitativo desenvolvida em um abrigo para moradores em situação de rua, no Meio-Oeste dos EUA, que teve como participantes 18 gestantes sem abrigo, revelou que, entre estas, 83% teve a família como o segmento de rede que mais ofereceu apoio. Das participantes que relataram ter apoio familiar quando necessitavam de ajuda, o membro da família que mais se destacou foi o da figura materna, seguida de irmãs e tias (Schrag e Schmidt-Tieszen, 2014).

Desprovidos de condições favoráveis para sobreviver na rua, os habitantes inseridos nesse espaço público contam muitas vezes com a ajuda de pessoas voluntárias, que se dedicam a assistir a população de rua. Contam ainda com instituições destinadas a praticar caridade aos mais necessitados, dentre elas igrejas e ONGs.

Um inquérito que descreveu as características sociodemográficas, o estado de saúde e o acesso a serviços ofertados para a população em situação de rua de três albergues do centro da cidade de São Paulo apontou que, dos 251 participantes da pesquisa, 22,7% contavam com a ajuda de igrejas e de ONGs como redes de suporte social que oferecem apoio à população de rua (Barata et al., 2015).

Com resultados semelhantes, a investigação qualitativa realizada na cidade de Vitória, Espírito Santo, com pessoas que têm na rua o seu habitat, revelou apoio conferido a estas por líderes de igrejas católicas e evangélicas. Os entrevistados fizeram referência às doações de alimentos e cobertores durante a noite por padres e pastores e até a disponibilização do próprio espaço das igrejas para a realização da higiene corporal (Kunz, Heckert, Carvalho, 2014).

Além das igrejas e das ONGs, os equipamentos governamentais, em especial os albergues, foram os mais citados neste estudo pelas mulheres, como a principal forma de suprir as necessidades inerentes à sobrevivência – higiene, sono e alimentação – e à segurança à noite para dormir.

Dentro desse contexto, pesquisa realizada em quatro cidades do Canadá: Toronto, Ottawa, Montreal e Vancouver, com 140 usuários que utilizavam albergues, também compartilhou a mesma ideia de que a maioria dos entrevistados se sentia

grata por contar com o apoio do albergue, por ter um teto e um lugar seguro para dormir (Palepu et al., 2012).

A investigação realizada por Barata et al. (2015), na cidade de São Paulo, com pessoas que utilizam albergues para pernoitarem, também mostra uma avaliação positiva do albergue, ao revelar que 59,6% dos entrevistados preferiam o albergue a dormir nas ruas. Esses participantes ressaltaram ainda sentirem-se bem dentro do albergue, devido à estrutura e suporte de proteção que o equipamento social oferecia.

Tais evidências foram corroboradas pela presente investigação, em que as mulheres referem comparecer ao albergue para dormir, em virtude de ser um local em que dispõem de mais segurança, se comparado com o ambiente hostil da rua, principalmente quando anoitece. Estudo realizado no condado de Orange County, na Califórnia, EUA, com mulheres em situação de rua, revelou que, dentre as 39 participantes, quase a totalidade preferia dormir no albergue devido à segurança que este oferecia (Perez, 2014).

Apesar de as redes sociais serem importantes no apoio às pessoas no seu modo de andar a vida nas ruas, por outro lado podem denotar um caráter normativo por pessoas e instituições que prestam este apoio, interferindo na liberdade experienciada por aqueles que vivem nas ruas. Foi nesta perspectiva que algumas depoentes trouxeram a representação do albergue, entendido também como um espaço que limita a liberdade delas, uma vez que se trata de um equipamento dotado de regras, normas e rotinas para o seu funcionamento. Situações de violência também foram apontadas pelas entrevistadas como aspectos negativos inscritos na realidade dos albergues.

O estudo realizado por Rosa e Bretas (2015) com mulheres em situação de rua também evidenciou esta insatisfação em relação a este equipamento social. Algumas depoentes ressaltaram a falta de privacidade, brigas e discussões entre as usuárias e a obrigação de se adequarem aos horários rígidos de alimentação, higiene corporal e sono.

Outro fator negativo foi o caráter assistencialista do albergue, que, segundo a opinião de uma das participantes do presente estudo, colabora para a permanência das pessoas nas ruas. Tal resultado também foi encontrado no estudo que concluiu que os benefícios oferecidos aos usuários pelo albergue podem colaborar para a manutenção dessas pessoas na condição de morador de rua (Donoso et al., 2013).

Além dos albergues, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social e o Centro de Referência Especializado para a População Adulta em Situação de Rua foram referidos como apoio pelas participantes. Algumas mencionaram fazer uso do Restaurante Popular para fazer as refeições. Como no presente estudo, também a pesquisa realizada por Kunz, Heckert, Carvalho (2014) revelou que os participantes, além de utilizarem os abrigos, frequentavam o Centro POP Rua e o Restaurante Popular gerenciados pela administração pública de Vitória, Espírito Santo.

A despeito da relevância dos equipamentos que compõem a rede social de apoio à população de rua, aponta-se a necessidade da implementação de avaliação contínua das estratégias utilizadas nesses serviços socioassistenciais, assim como no seu aperfeiçoamento.

Nesse sentido, um estudo que avaliou a percepção de famílias atendidas quanto à intervenção do Serviço Ação Rua, inserido no contexto da política de Assistência Social de Porto Alegre, apontou a necessidade de revitalização e transformação dos sistemas de apoio dos serviços públicos, de modo a torná-los mais participativos, acolhedores e atrativos para o usuário. Destacou ainda que, para a avaliação desses serviços, fazem-se necessárias técnicas informais, que possibilitem a expressão subjetiva das percepções dos usuários quanto aos serviços (Finkler e Dell'Aglio, 2014).

Na vida cotidiana, as pessoas necessitam do contato com o outro para se reconhecer e estabelecerem relações interpessoais, sejam elas afetivas ou de qualquer outra natureza. Estas trocas podem acontecer em qualquer espaço, seja nas ruas, seja nas instituições, enfim em qualquer lugar onde exista mais de uma pessoa disposta a fazê-las. A interação com o outro e/ou com os lugares onde essa troca ocorre torna possível a rede social (Pinho et al., 2013).

A experiência de vida nas ruas ocorre em um momento histórico, situado em um tempo e lugar, onde as mulheres interpretam objetos e condutas humanas que encontram no seu mundo vida. Esta leitura do mundo ocorre, segundo suas próprias perspectivas, interesses e motivação, que são embasadas no acervo de conhecimentos disponível e acessível a elas, diante da situação biográfica em que se encontram. De acordo com a teoria da motivação de Schütz, o homem age segundo motivos dirigidos para o alcance de metas que apontam para o futuro – motivos para – e por possuir razões que fundamentam suas ações – motivos porque

(Schütz, 2012).

No presente estudo, cuja ação em pauta é a experiência da mulher em situação de rua, os “motivos porque” discutidos até aqui constituem razões que fundamentam sua ação de permanecer ou sair das ruas – motivos para. Sob esta perspectiva, esta ação pressupõe a elaboração de projetos – intencionalidade voltada para algo –, que revelam uma intenção cuja dimensão subjetiva desencadeia a ação propriamente dita antes que ela se torne ato realizado (Schütz, 2009).

Apesar da situação de pobreza, desemprego, afastamento dos familiares, dependência química, prostituição e violência vivenciados no ambiente das ruas, as mulheres do presente estudo têm em seu imaginário sair dessa condição. Esta característica típica do grupo estudado foi encontrada em outro estudo semelhante realizado na cidade de São Paulo, que mostrou quase a totalidade das pessoas estudadas (89,2%) com a intenção de sair da situação de rua (Barata et al., 2015).

Contudo, a impossibilidade de concretizar suas expectativas leva a mulher, ao refletir sobre a sua experiência, a apontar a prostituição como meio de subsistência, criando um ciclo que retroalimenta a sua manutenção na rua.

Um inquérito realizado nas regiões de Los Angeles e Califórnia, EUA, com 60 mulheres em situação de rua constatou que, mesmo entre aquelas que tinham apoio de abrigos, 36 praticavam a prostituição para suprir as necessidades básicas, embora relatassem vergonha desta experiência. Entre os motivos alegados para esta prática, 82,9% indicaram a troca de sexo por dinheiro. Do total de mulheres que se prostituíam, 62,9% referem se sujeitar a esta situação para conseguir um lugar para passar a noite; 25,7% para conseguir comida, 22,9% para sustentar o uso de drogas e 6,2% alegaram prostituir-se para mandar dinheiro para o familiar que estava com seu filho (Warf et al., 2013).

Outra questão que mantém as mulheres deste estudo nas ruas é a facilidade de contato com as drogas que as levam a se envolverem com o tráfico de drogas. Prostituição e envolvimento com drogas são evidenciados em estudos sobre a temática, tanto em nível nacional quanto internacional (Uhlmann et al., 2014; Rosa e Bretas, 2015).

Em Vancouver, Canadá, estudo realizado com 1.019 jovens em situação de rua, viciados em metanfetamina cristal ativa, 320 eram mulheres, entre as quais se evidenciou o envolvimento com o trabalho sexual e o tráfico de drogas (Uhlmann et al., 2014).

Estudo brasileiro conduzido por Rosa e Bretas (2015) mostrou que o uso de drogas foi apontado como o principal responsável por levar as mulheres a viverem em situação de rua. Estas ficam mais expostas à violência e à criminalidade, além de estarem mais vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e prostituição. Ressaltam em seus resultados que o vício das drogas criava um ciclo que se retroalimentava e, progressivamente, degradava as condições de vida da mulher.

Para algumas mulheres do presente estudo, estar nas ruas representa liberdade para viver a própria vida, sem dar explicações para a família. O estudo de Marchi, Carreira, Salci (2013) evidenciou resultado semelhante, quando mostrou que alguns jovens em situação de rua vislumbravam a liberdade no cotidiano das ruas, preferindo conviver com "amigos" a conviver com sua família.

Os depoimentos das participantes da presente investigação revelaram como expectativas ter moradia e trabalho, resgatando a vida social por meio do convívio familiar, participação em igrejas e recuperação de seus documentos de identificação. No que diz respeito à moradia, a pesquisa de Palepu et al. (2012) também mostrou que pessoas em situação de rua desejavam ter um espaço próprio, onde pudessem ter contato com seus objetos e utensílios domésticos, com higiene, privacidade e estabilidade, enfim, um lugar onde pudessem sentir orgulho de si mesmas.

Ainda nesta direção, outro aspecto levantado pelo grupo estudado no tocante às expectativas que possui diante do atual contexto em que se encontra diz respeito ao ingresso no mundo trabalho formal remunerado, sendo esta uma premissa para a realização de outros projetos de vida. Uma pesquisa realizada em Porto Velho, Rondônia, com um grupo de pessoas em situação de rua revelou que o sentido dado ao trabalho foi de este ser considerado como meio de autorrealização, entretenimento, de se obter dignidade e até mesmo saúde física e mental (Henrique, Santos, Viana, 2013).

Outra questão evidenciada como expectativa foi a vontade de abandonar o uso das drogas, uso este que contribui para manter a mulher na situação de rua. Uma pesquisa realizada em Boston, nos EUA, com 154 mulheres dependentes químicas, mostrou que 90% delas expressaram a vontade de largar o vício do álcool e de outras drogas. Os autores salientaram que a motivação das pessoas para abandonar o vício é grande, independentemente da sua condição de morador de rua ou não. Nesse sentido, os autores recomendaram a inclusão de pessoas em

situação de rua no planejamento de ações voltadas para o tratamento do abandono do vício de drogas (Upshur et al., 2014).

As participantes do presente estudo têm no resgate dos laços familiares a motivação para deixar o vício, ainda que fragilizados por sua permanência nas drogas. O estudo de Marchi, Carreira, Salci (2013) salienta a importância do apoio familiar ao dependente químico, visto que este constitui um elemento que pode ajudá-lo a encontrar motivos e força na luta contra o vício.

Quanto à importância atribuída à família pelas mulheres em situação de rua do atual estudo, uma investigação realizada em Maringá, Paraná, com homens nessa condição, revelou que, mesmo cientes de que em algum momento a família colaborou para a sua situação, na maioria dos casos, os participantes expressaram desejo de reconstruir ou formar uma nova família. Isso mostra que o ser humano rompe laços afetivos, mas nunca deixa de sonhar por uma vida melhor, de formar novas relações ou resgatar relações anteriores e projetar um novo viver. Todos almejam que as relações humanas sejam saudáveis e tragam conforto e aconchego, mesmo que em âmbito imaginário (Marchi, Carreira, Salci, 2013).

A análise interpretativa do esquema de tipificação da experiência da mulher em situação de rua que utiliza o albergue para pernoitar, à luz da Fenomenologia Social de Alfred Schütz, permitiu responder às inquietações da pesquisadora e atingir o objetivo desta investigação.

Evidencia-se, nesta perspectiva, que a ação social implicada no vivenciar a situação de rua é pautada em um contexto motivacional que conduziu as participantes deste estudo a esta situação biográfica e que as mantém nesta condição. O desejo de sair da rua é marcado por contradições, a exemplo do uso de drogas. Estas comumente conduzem a mulher à situação de rua, mantendo-a neste cenário, e também se apresentam como uma expectativa relacionada à sua saída das ruas, expressa pelo desejo de livrar-se do uso/tráfico.

Frente aos achados desta pesquisa, a seguir, serão esboçadas as considerações finais, ressaltando-se o impacto dos resultados no âmbito da temática, no que tange aos aspectos teóricos e às contribuições para a prática.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação, fundamentada na fenomenologia social, permitiu revelar o significado da experiência de mulheres que vivem em situação de rua e utilizam o albergue para pernoitar.

Para essas mulheres, a experiência de estar em situação de rua foi expressivamente desencadeada por experiências conflituosas no contexto familiar, tornando insustentáveis suas relações dentro de casa. Ao adentrar a rua, marcada pela “liberdade” de fazer o que deseja – como usar o crack, álcool e outras drogas –, as participantes se viram reféns de outras mazelas, inscritas neste contexto. A falta de infraestrutura para sobrevivência e as vulnerabilidades para a violência, o uso/tráfico de drogas e a prostituição se apresentam como elementos que implicam riscos a essas mulheres, trazendo consequências importantes ao seu modo de viver.

A pesquisa revelou que, somadas às situações vulneráveis intrínsecas ao contexto da rua, para o grupo estudado, as dificuldades são ainda maiores, uma vez que se trata de mulheres em um cenário expressivamente ocupado por homens. Nesta perspectiva, há que se olhar de modo diferenciado para essa população, em especial em virtude do risco de violência sexual a que estão expostas essas mulheres nas ruas e da violência que elas mesmas se permitem vivenciar, em função da necessidade de sobrevivência nas ruas, como no caso da prostituição.

Os profissionais que atuam junto a estas mulheres, tanto no setor saúde quanto em outros setores que implementam ações à população de rua, devem despir-se de preconceitos e estereótipos negativos que possam interferir na abordagem inicial e no acompanhamento a este grupo, de modo a apoiá-lo assertivamente frente à situação que vivencia: estar na rua.

Salienta-se, neste sentido, a relevância da implementação de cuidados que considerem este grupo social com potencial para resgatar a sua saúde, o seu trabalho e a sua família, anseios declarados pelas participantes do presente estudo.

Nesta perspectiva, faz-se necessário criar estratégias de empoderamento junto a estas mulheres, de modo a lidarem melhor com o sofrimento vivenciado e a desenvolverem mecanismos para o enfrentamento das situações desafiadoras vivenciadas no cotidiano da rua.

A vulnerabilidade para a violência urbana e o uso das drogas, enfatizados pelas participantes deste estudo, apontam para a necessidade de um olhar especial por parte dos enfermeiros e demais profissionais envolvidos no atendimento dessa parcela da população, nos diferentes pontos das redes de atenção à saúde no âmbito do SUS.

Ressalta-se, nesta perspectiva, a importância da Atenção Primária à Saúde, na qual se inscreve a estratégia dos consultórios na rua como uma porta de entrada destes usuários no sistema de saúde. Cabe aos profissionais que atuam nestes contextos, incluindo o enfermeiro, a produção de um cuidado que considere as experiências vivenciadas pela população de rua, como as emergidas na presente investigação.

Ademais, salienta-se a importância de os profissionais de saúde se qualificarem para garantir o acesso com equidade não só no cenário do consultório na rua, mas nos locais a que, em virtude da vivência nas ruas, esta população precise acessar. Portanto, equipamentos destinados ao tratamento de álcool e drogas, ao atendimento às situações de violência e demais serviços sociais que incluam as pessoas em situação de rua – conforme previsto nas políticas sociais e de saúde – precisam se preparar para oferecer uma escuta qualificada a esta população, bem como para serem resolutivos frente às necessidades por ela apresentada.

Evidenciou-se, neste sentido, a importância atribuída ao albergue, considerado pelas participantes do estudo como um apoio fundamental no atendimento às suas necessidades diárias de higiene, alimentação e repouso.

A despeito da importância do suporte oferecido pelos equipamentos formais, salienta-se a necessidade de fortalecer os centros de convivência informais, operacionalizados em igrejas, ambientes culturais e outros. Tal intento tem como objetivo trabalhar o resgate da autoestima e da cidadania dessas pessoas, ampliando suas perspectivas de vida, diante da realidade em que se encontram. Isso poderá evocar nesta população o empoderamento necessário para sair da situação de rua, além da busca por um trabalho remunerado e de uma moradia segura, condições-chave para o bem-estar humano.

A criação e o fortalecimento de tais espaços revestem-se de grande importância, pois sair das ruas emergiu como a principal expectativa das mulheres participantes deste estudo. Salienta-se, todavia, a dificuldade de vislumbrarem a

realização deste projeto, em virtude da precária condição socioeconômica entremeada ao vício, especialmente ao crack.

Os achados deste estudo permitem refletir que, apesar da expansão de políticas voltadas para as questões que envolvem a população de rua, na prática, ainda se observa a necessidade de investimentos governamentais e não governamentais que possam coibir a violência urbana e melhorar as condições de vida dessa população.

Portanto, as vulnerabilidades identificadas a partir da experiência do grupo social estudado de viver nas ruas remetem à necessidade de o enfermeiro e demais profissionais da saúde buscarem mecanismos para proverem um cuidado apoiado a estas mulheres, atuando sobre os riscos que as envolvem cotidianamente. Cabem também intervenções interdisciplinares na mediação e/ou criação de estratégias que vão ao encontro das expectativas levantadas neste estudo, viabilizando perspectivas não vislumbradas no presente e que sustentam a manutenção das mulheres na situação de viver na rua.

Considera-se como limitação deste estudo o fato de ter sido realizado com mulheres em situação de rua que pernoitam em albergues, o que remete a um grupo que conta com uma rede de apoio social importante para a vivência na rua. A ausência deste aporte, bem como a realização da pesquisa em outras realidades, podem trazer novas perspectivas de interpretação para a experiência da mulher em situação de rua, o que impede a generalização dos resultados.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

Aguiar Maria Magalhães, Iriart Jorge Alberto Bernstein. Significados e práticas de saúde e doença entre a população em situação de rua em Salvador, Bahia, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2012 Jan [cited 2015 Sep 23]; 28(1):115-24.

Aristides JL, Lima, JVC. Processo saúde-doença da população em situação de rua da cidade de Londrina: aspectos do viver e do adoecer. *Rev Espaço para a Saúde*. 2009; 10(2):43-52.

Barata RB, Carneiro Júnior N, Ribeiro MCSA, Silveira C. Desigualdade social em saúde na população em situação de rua na cidade de São Paulo. *Saúde soc*. 2015; 24(Supl 1):219-32.

Bonugli R, Lesser J, Escandon S. "The Second Thing to Hell is Living under that Bridge": Narratives of Women Living with Victimization, Serious Mental Illness, and in Homelessness. *Issues in mental health nursing*. 2013; 34(11):827-35.

Brasil. Decreto 7.053, de 23 de dezembro de 2009: Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília (DF); 2009b.

Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre pesquisa envolvendo humanos. Brasília: Conselho Nacional de Saúde; 2012b.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual sobre o cuidado à saúde junto à população em situação de rua / Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2012a.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e de Combate à Fome. Política Nacional de Assistência Social PNAS/ 2004- Norma Operacional Básica NOB/SUA. Brasília: Secretária Nacional de Assistência Social; 2005.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e de Combate à Fome. Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília. Secretária de Avaliação e Gestão. Secretaria de Assistência Social; 2009a.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e de Combate à Fome. Inclusão das pessoas em Situação de Rua no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal- SUAS e População em Situação de Rua. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social- Departamento de Proteção Social Especial; 2011. V 1.

Brasil. Resolução Nº 109 de 11 de novembro de 2009: Aprova a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]. Brasília, 25 de Novembro de 2009c. p. 27-9.

Brown C, Mueller CT. Predictors of employment among sheltered homeless women. *Community Work Fam.* 2014;17(2):200-18.

Brum MLT, Bertineti EP, Souza LP. As contribuições da fenomenologia na pesquisa em pedagogia social. *Interfaces Acadêmica.* 2013; 8(1):75-86.

Cabinet Office. [UK] [homepage on the internet]. What Do We Mean by Social Exclusion. Cabinet Office, London; 2014. Access to: August 2014. Available at: http://www.cabinetoffice.gov.uk/social_exclusion_task_force/context_a_spx.

Chamberlain C, Johnson G. Pathways into adult homelessness. *Journal of Sociology.* 2011; 49(1):60-77.

Donoso MTV, Bastos MAR, Faria CRD, Costa AA. Estudo etnográfico sobre pessoas em situação de rua em um grande centro urbano. *Rev Mineira Enferm.* 2013; 17(4):894-909.

Dotson H M. Homeless Women, Parents, and Children: A Triangulation Approach Analyzing Factors Influencing Homelessness and Child Separation, *J Poverty.* 2011; 15(3):241-58.

Dourado GDOL, Melo BMDS, Silva Junior FJG, Oliveira ALCBD, Monteiro CFDS, Araújo ODD. Prostitution and its relation with the use of psychoactive substances and violence: an integrative review. *Journal of Nursing UFPE on line.* 2012; 7(5):4138-43.

Ferreira FMP, Machado SCC. Vidas Privadas em Espaços Públicos: os moradores de rua em Belo Horizonte. *Serviço Social e Sociedade.* 2007; 27(90):102-21.

Finkler L, Dell'Aglio DD. Famílias com filhos em situação de rua: percepções sobre a intervenção de um programa social. *Gerais Rev Interinst Psicol.* [Internet]. 2014 Jun [citado 2015 Set 26]; 7(1):53-66. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202014000100006&lng=pt.

FIOCRUZ. Livroto domiciliar e Livroto Epidemiológico. Pesquisa sobre crack [internet] 2015. [Acesso em: 11 de janeiro de 2015]. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/maior-pesquisa-sobre-crack-j%C3%A1-feita-no-mundo-mostra-o-perfil-do-consumo-no-brasil>.

Fontanella BJB, Luchesi BM, Saidel MGB, Ricas J, Turato EB, Melo DG. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cad Saúde Pública.* 2011; 27(2):388-94.

Frazão TCJ. O morador de rua e a invisibilidade do sujeito no discurso jornalístico [internet]. 2010 [Tese de doutorado]. Brasília: Universidade de Brasília; 2010. [citado 2015 jul. 15]. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/8909>

Gaetz S, Donaldson J, Richter T, Gulliver T. The State of Homelessness in Canada 2013. Toronto: Canadian Homelessness Research Network Press.

- García Justicia JJ. La exclusión social en el Área Metropolitana de Monterrey: procesos sociales y trayectorias vitales. Cuadernos de Trabajo Social. 2014; 27(1):177-88.
- Gil AC, Yamauchi NI. Elaboração do projeto na pesquisa fenomenológica em enfermagem. Rev Baiana Enferm. 2012; 26(3):565-73.
- Henrique RA, Santos CM, Vianna JJB. Sentidos e significados do trabalho entre pessoas em situação de rua. Psicologia para América Latina. 2013; (24):109-20.
- Huey L, Hryniewicz D, Fthenos G. 'I had a lot of anger and that's what kind of led me to cutting myself': Employing a social stress framework to explain why some homeless women self-injure. Health Sociology Review. 2014; 23(2):148-58.
- Jesus MCP, Capalbo C, Merighi MAB, Oliveira DM, Tocantins FR, Rodrigues B. MRD, et al.. The social phenomenology of Alfred Schütz and its contribution for the nursing. Rev Esc Enferm USP. 2013; 47(3):736-4.
- Jorge JS, Corradi-Webster CM. Consultório de Rua: Contribuições e Desafios de uma Prática em Construção. Saúde & Transformação Social. 2012; 3(1):39-48.
- Kunz GS, Heckert AL, Carvalho SV. Modos de vida da população em situação de rua: inventando táticas nas ruas de Vitória/ES. Fractal: Rev Psicologia. 2014; 26(3):919-42.
- Lalonde F, Nadeau L. Risk and Protective Factors for Comorbid Posttraumatic Stress Disorder among Homeless Individuals in Treatment for Substance-Related Problems. Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma. 2012; 21(6):626-45.
- Lauriks S, de Wit MA, Buster MC, Fassaert TJ, van Wifferen R, Klazinga NS. The Use of the Dutch Self-Sufficiency Matrix (SSM-D) to Inform Allocation Decisions to Public Mental Health Care for Homeless People. Community Mental Health Journal. 2014; 50(7):870-8.
- Levitas R, Pantazis C, Fahmy E, Gordon D, Lloyd E, Patsios D. The multi-dimensional analysis of social exclusion Department of Sociology and School for Social Policy, Townsend Centre for the International Study of Poverty and Bristol Institute for Public Affairs University of Bristol. Bristol; 2007.
- Lewinson T, Thomas ML, White S. Traumatic Transitions Homeless Women's Narratives of Abuse, Loss, and Fear. Affilia. 2014; 29(2):192-205.
- MacDonald SA. Managing Risk: Self-Regulation Among Homeless Youth. Child and Adolescent Social Work Journal. 2014; 31(6):497-520.
- Marchi JA, Carreira L, Salci MA. Uma casa sem teto: influência da família na vida das pessoas em situação de rua. Ciência, Cuidado e Saúde. 2013; 12(4):640-47.
- Movimento Nacional da População de Rua. Conhecer para lutar: Cartilha para Formação Política. 2010: 1-40.

- Nielsen SF, Hjorthoj CR, Erlangsen A, Nordentoft M. Psychiatric disorders and mortality among people in homeless shelters in Denmark: a nationwide register-based cohort study. *Lancet*. 2011; 377(9784):2205-14.
- Oliveira A. Prostituição feminina, feminismos e diversidade de trajetórias. *Ex aequo* 2013; (28): 17-30.
- Palepu A, Hubley AM, Russell LB, Gadermann AM, Chinni M. Quality of life themes in Canadian adults and street youth who are homeless or hard-to-house: A multi-site focus group study. *Health and quality of life outcomes*. 2012; 10(1):93.
- Paula CC, Padoin SMM, Terra MG, Souza IEO, Cabral IV. Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. *Rev Bras Enferm*. 2014 mai-jun; 67(3):468-72.
- Perez JL. The Cost of Seeking Shelter: How Inaccessibility Leads to Women's Underutilization of Emergency Shelter, *J Poverty*. 2014; 18(3):254-74.
- Petering R, Rice E, Rhoades H, Winetrobe H. The social networks of homeless youth experiencing intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*. 2014; 29(12):2172-91.
- Pimenta CAM, Silva CLD. Moradores de rua e realidade social contemporânea: subsídios para intervenções no município de Taubaté/SP. *Rev Bras Gestão e Desenvolvimento Regional*. 2010; 6(3):136-58.
- Pinho PH, Oliveira MF, Garcia CH, Pereira MO, Almeida MM. A Concepção dos Profissionais de Saúde acerca da Reabilitação Psicossocial nos Eixos: Morar, Rede Social e Trabalho dos Usuários de Substâncias Psicoativas. *Rev Portuguesa Enferma de Saúde Mental*. 2013; (9):29-35.
- PNUD. Human Development Report 2014 - Sustaining Human Progress: Reducing Vulnerabilities and Building Resilience. New York; 2014. [citado 2015 mar.18]. Disponível em: http://www.pnud.org.br/hdr/Relatorios-Desenvolvimento-Humano-Globais.aspx?indiceAccordion=2&li=li_RDHGlobais.
- Prates JC, Prates FC, Machado S. Populações em situação de rua: os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. *Rev Temporalis*. 2012; (11):191-215.
- Quintão, PR. Morar na rua: há projeto possível? [Internet]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; 2012 [citado 2015 fev. 23]. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-07082012-122947.
- Rhoades H, Wenzel SL, Golinelli D, Tucker JS, Kennedy DP, Green HD, et al. The social context of homeless men's substance use. *Drug and alcohol dependence*. [internet] 2011; 118(2):320-25. Available from: <http://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2011.04.011>
- Riley ED, Cohen J, Knight KR, Decker A, Marson A, Shumway M. Recent Violence in a Community-Based Sample of Homeless and Unstably Housed Women With High Levels of Psychiatric Comorbidity. *Am J Public Health*. 2014; 104(9):1657-63.

- Riley ED, Moore K, Sorensen JL, Tulskey JP, Bangsberg DR, Neilands TB. Basic Subsistence Needs and Overall Health Among Human Immunodeficiency Virus-infected Homeless and Unstably Housed Women. *Am J Epidemiology*. 2011; 174(5):1-8.
- Riley ED, Shumway M, Knight KR, Guzman D, Cohen J, Weiser SD. Risk Factors for Stimulant Use among Homeless and Unstably Housed Adult Women. *Drug and Alcohol Dependence*. 2015; (153):173–9
- Robinson V. Homeless Shelters in Alabama: a Study of Women's Health Services. [Internet]. Michigan: Faculty of the College of Graduate Studies, Central Michigan University Mount Pleasant; 2012 [thesis]. Disponível em: <http://condor.cmich.edu/cdm/ref/collection/p1610-01coll1/id/3545>.
- Rosa AS, Bretas ACP. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. *Interface (Botucatu)*. 2015; 19(53):275-85.
- Rosario M, Schrimshaw EW, Hunter J. Homelessness among lesbian, gay, and bisexual youth: Implications for subsequent internalizing and externalizing symptoms. *Journal of youth and adolescence*. 2012; 41(5):544-60.
- Rozendo SDS. Sapatos nos pés, street papers nas mãos: um caminho para mudança. Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP). *Revista Alterjor*. [internet]. 2011 jul-dez [acesso 17 ago.2014]; 2(4):1-14. Disponível em: <http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/view>.
- Rui T, Frangella SM. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. São Paulo: Anablume, Fapesp; 2009.
- Santos NTV. Vulnerabilidade e prevalência de HIV e sífilis em usuários de drogas no Recife: resultados de um estudo respondent-driven sampling. [Tese Doutorado]. Recife: Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães; 2013.
- Schrag A, Schmidt-Tieszen A. Social Support Networks of Single Young Mothers. *Child and Adolescent Social Work Journal*. 2014; 31(4):315-27.
- Schütz A, Luckmann T. *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu; 2009.
- Schütz A. Sobre fenomenologia e relações sociais: Alfred Schütz. Trad. Wagner HTR. Petrópolis: Vozes; 2012.
- Shier ML, Jones ME, Graham JR. Sociocultural factors to consider when addressing the vulnerability of social service users: Insights from women experiencing homelessness. *Affilia. Journal of Women and Social Work*. 2011; 26(4):367-38.
- Sotero M. Vulnerabilidade e vulneração: população de rua, uma questão ética. *Rev Bioét (Impr)*. 2011; 19(3):799-817.
- Souza MIV. El programa de atención psiquiátrica dirigido a enfermos mentales sin hogar. *Estudios de Psicología*. 2011; 16(3):353-62.

- Strehlau V, Torchalla I, Kathy L, Schuetz C, Krausz M. Mental health, concurrent disorders, and health care utilization in homeless women. *J Psychiatric Practice*®. 2012; 18(5): 349-60.
- Tutty LM, Ogden C, Giurgiu B, Weaver-Dunlop G. I Built My House of Hope Abused Women and Pathways Into Homelessness. *Violence against women*. 2014; 19(12):1498-517.
- Uhlmann S, DeBeck K, Simo A, Kerr T, Montaner JS, Wood E. Health and social harms associated with crystal methamphetamine use among street-involved youth in a Canadian setting. *Am J Addictions*. 2014; 23(4): 393-8.
- UN Women. Violence against women prevalence data: surveys by country. New York: UN Women. [internet] 2011 [acesso 2015 ago 24]. Disponível em: http://www.endvawnow.org/uploads/browser/files/vaw_prevalence_matrix_15april_2011.pdf
- United States Department of Housing and Urban Development (HUD) .The 2013 Annual Homeless Assessment Report to (AHAR) Congress. United States; 2013. [acesso jan 2015]. Disponível em <https://www.hudexchange.info/resources/documents/ahar-2013-part1.pdf>.
- Upshur CC, Weinreb L, Cheng DM, Kim, TW, Samet, J. H., & Saitz, R. Does experiencing homelessness affect women's motivation to change alcohol or drug use? *Am J Addictions*. 2014; 23(1):76-83.
- Vernaglia TVC, Vieira RAMS, Cruz MS. Usuários de crack em situação de rua: características de gênero. *Ciênc. saúde coletiva*. 2015; 20(6):1851-9.
- Vieira MAC, Bezerra EMR, Rosa CMM, orgs. População de rua: quem é, como vive, como é vista. São Paulo: HUCITEC; 1992.
- Waldbrook N. Formerly Homeless, Older Women's Experiences with Health, Housing, and Aging. *Journal of Women & Aging*. 2013; 25(4):337-57.
- Warf CW, Clark LF, Desai M, Rabinovitz SJ, Agahi G, Calvo R, Hoffmann, J. Coming of age on the streets: Survival sex among homeless young women in Hollywood. *Journal of adolescence*. 2013; 36(6):1205-13.
- Weber M, Thompson L, Schmiede SJ, Peifer K, Farrell E. Perception of access to health care by homeless individuals seeking services at a day shelter. *Archives of psychiatric nursing*. 2013; 27(4):179-184.
- Yaouancq F, Lebrère A, Marpsat M, Régnier V, Legleye S, Quaglia M: L'hébergement des sans-domicile en 2012. Des modes d'hébergement différents selon les situations familiales. Insee Première. [Internet] juillet 2013. [Acesso 7 jan. 2015] Disponível em http://www.insee.fr/fr/themes/document.asp?reg_id=0&ref_id=ip1455
- Zoboli ELCP, Fracolli LA. Vulnerabilidade do Sujeito de Pesquisa. In: Araújo S, Scheffer M, editores. *Cad Ética em Pesquisa*. Brasília: Publicação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – Conselho Nacional de Saúde. 2001; (08):20-2.

APÊNDICES

APÊNDICES

APÊNDICE 1 AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Prefeitura de Juiz de Fora

Autorizamos a realização da pesquisa “VIVER EM SITUAÇÃO DE RUA: EXPERIÊNCIA DE MULHERES QUE UTILIZAM O ALBERGUE PARA PERNOITAR”, a ser conduzida pela mestranda Priscilla Ribeiro Biscotto, sob a orientação da Professora Doutora Maria Cristina Pinto de Jesus.

Ressaltamos que o Núcleo do Cidadão de Rua Herbert de Souza conta com a infraestrutura necessária a realização da referida pesquisa – sala com mesa e cadeiras que permitem privacidade para o participante responder as questões da entrevista.

Salientamos que os dados obtidos pela pesquisadora deverão ser utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e da pesquisa.

Juiz de Fora, 14 de janeiro de 2015

Maria Cláudia Siqueira Dutra

Coordenadora executiva dos serviços à população de Rua

DEPARTAMENTO DE PROTEÇÃO ESPECIAL/AMAC
Av. Br. do Rio Branco, 1843/5.º Andar - Centro
Tel.: (32) 3690-7944 ou (32) 3690-7597
CEP: 36013-020 - Juiz de Fora - MG

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Sr^a _____ está sendo convidada a participar da pesquisa “VIVER EM SITUAÇÃO DE RUA: EXPERIÊNCIA DE MULHERES QUE UTILIZAM O ALBERGUE PARA PERNOITAR”, como voluntária. Esta pesquisa tem por objetivo compreender a experiência de mulheres que vivem em situação de rua e que utilizam o albergue para pernoitar. Com este estudo, espera-se trazer à tona a real vivência dessas mulheres e, conseqüentemente, as demandas biopsicossociais por elas apresentadas, as quais necessitam ser consideradas pelo enfermeiro e demais profissionais de saúde ao cuidar dessa clientela. Caso aceite participar do estudo, você responderá a perguntas de entrevista que será gravada para posterior transcrição e análise dos dados. A entrevista terá duração de aproximadamente 40 minutos. Os registros feitos durante a entrevista não serão divulgados aos profissionais que trabalham nesta instituição, mas o relatório final, contendo citações anônimas, estará disponível para todos, quando estiver concluído o estudo. Os depoimentos serão utilizados apenas para fins científicos. A pesquisadora assume o compromisso de manter sigilo quanto à sua identidade durante a realização e na divulgação dos resultados da pesquisa – em eventos e publicações científicas – na medida em que as informações coletadas serão identificadas com um código fictício. Esta pesquisa não possui financiamento e, para participar, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A qualquer momento, você poderá pedir informações sobre o andamento da pesquisa, bem como se recusar a participar do estudo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo em relação ao cuidado que você recebe no albergue. Sua participação envolve um risco mínimo, isto é, passar por constrangimento ao responder a algumas perguntas. O presente termo será assinado em duas vias. Uma ficará com você, e a outra ficará arquivada comigo. Se precisar de informações e esclarecimentos, entre em contato com a pesquisadora pelo e-mail: priscillaribeirojf@yahoo.com.br ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, pelo e-mail: edipesq@usp.br e/ou telefone: (11) 3061-7548.

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar do estudo.

Assinatura da entrevistada

Como pesquisadora, declaro ter realizado todas as orientações necessárias.

Priscilla Ribeiro Biscotto

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO1 PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIVER EM SITUAÇÃO DE RUA: EXPERIÊNCIA DE MULHERES QUE UTILIZAM O ALBERGUE PARA PERNOITAR

Pesquisador: Priscilla Ribeiro Biscotto

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 41064615.6.0000.5392

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - EEUSP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 952.239

Data da Relatoria: 09/02/2015

Apresentação do Projeto:

Introdução: Morar na rua é um problema global tanto de nações desenvolvidas como das que estão em desenvolvimento, situação ancorada principalmente em centros urbanos de médio e de grande porte.

Objetivo: Compreender a experiência de mulheres que vivem em situação de rua e que utilizam o albergue para pernoitar.

Método: Estudo fundamentado na fenomenologia social de Alfred Schütz, realizado com mulheres em situação de rua que são assistidas em um albergue de um município de Minas Gerais. Será utilizada a entrevista fenomenológica para obtenção dos depoimentos, utilizando-se as questões:

como é para você viver em situação de rua?

Conte-me dos desafios que você vivencia no cotidiano da rua.

Como você faz para enfrentá-los?

Fale sobre o que representa o albergue, considerando que você não tem onde dormir? Como você imagina a sua vida no futuro.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender a experiência de mulheres que vivem em situação de rua e que utilizam o albergue para pernoitar.

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419
Bairro: Cerqueira Cesar CEP: 05.403-000
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3061-7548 Fax: (11)3061-7548 E-mail: edipesq@usp.br

Continuação do Parecer: 952.239

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Será orientado que a participação das pessoas envolve um risco mínimo, isto é, passar por constrangimento ao responder perguntas da entrevista.

Benefícios: conhecer melhor a problemática das moradoras de rua afim de possibilitar melhor atendimento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e bem estruturada.

Todos os itens do projeto foram descritos adequadamente, incluindo-se as perguntas da pesquisa, o cronograma, o orçamento e a fonte de financiamento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, redigido em linguagem adequada, indicando o objetivo do estudo, a garantia de anonimato, a liberdade de participação, informando que o sujeito ficará com uma cópia, além dos telefones e email do pesquisador e o telefone do CEP da EEUSP.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Indicar no TCLE a duração das entrevistas

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Este CEP aguarda a resposta às pendências para continuidade da análise ética do projeto. As pendências deverão ser respondidas em até 30 dias, período após o qual o processo será arquivado.

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419
 Bairro: Cerqueira Cesar CEP: 05.403-000
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3061-7548 Fax: (11)3061-7548 E-mail: edipesq@usp.br

Continuação do Parecer: 952.239

SAO PAULO, 11 de Fevereiro de 2015

Assinado por:
Ruth Natalia Teresa Turrini
(Coordenador)

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419
Bairro: Cerqueira Cesar CEP: 05.403-000
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3061-7548 Fax: (11)3061-7548 E-mail: edipesq@usp.br